
EDUPLURIVERSÊNCIA
CONTOS DE EXISTIR, RESISTIR E REEXISTIR
Organizador:
Josimar Soares da Silva
Volume 1
INSTITUTO FEDERAL
Piauí
Campus
São João do Piauí
EDITORA NOVUS
LIVROS ACADÊMICOS

Organizador:
Josimar Soares da Silva

EDUPLURIVERSÊNCIA

contos de existir, resistir e reexistir

Volume 1

1ª EDIÇÃO

EDITORA NOVUS
LIVROS ACADÊMICOS

SÃO LUÍS - 2026

EDITORA NOVUS
SÃO LUÍS - MA - 2026
WWW.EDITORANOVUS.COM.BR EDITORANOVUS@GMAIL.COM

Diagramação e Edição
Eduardo Mendonça Pinheiro
Edição de Arte
Eduardo Mendonça Pinheiro
Normalização
José Marcelino Nascimento Veiga Júnior

Conteudista
Autores © 2026
Organizador
Josimar Soares da Silva

© 2026 Copyright – Direitos reservados. A Editora Novus é detentora dos direitos autorais relativos à edição, diagramação e ao projeto gráfico da presente obra. Os autores permanecem titulares dos direitos autorais de seus respectivos textos. Esta publicação está licenciada sob a Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0), permitindo a reprodução, o download e o compartilhamento total ou parcial do conteúdo, desde que a fonte seja devidamente citada, com atribuição obrigatória de autoria, e que a obra seja disponibilizada exclusivamente em Acesso Aberto (Open Access). Não é permitida qualquer forma de alteração, adaptação ou modificação do conteúdo, bem como sua disponibilização em plataformas de acesso restrito ou com finalidade comercial.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586e

Edupluriversência: contos de existir, resistir e reexistir. / organizador: Josimar Soares da Silva – São Luís: Editora Novus, 2026.

79 f.: il. color. v. 1.
Publicação digital (e-book) no formato PDF

ISBN: 978-65-84364-80-6
DOI: 10.29327/5966815

1. Educação Inclusiva. 2. Pessoas com Deficiência. 3. Literatura. 4. Diversidade. 5. Acessibilidade. I. Silva, Josimar Soares da Silva. II. Título.

CDU: 376.1

Elaborado por José Marcelino Nascimento Veiga Júnior – CRB 13/320

CONSELHO EDITORIAL

Drª Anali Linhares Lima
M.Sc. Alan Jeffeson Lima de Moraes
Dr. André Leonardo Demaison Medeiros Maia
Drª Anna Christina Sanazario de Oliveira
Drª Aurea Maria Barbosa de Sousa
Drª Camila Pinheiro Nobre
Dr. Claudio Alves Benassi
Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua
Drª Claudiene Diniz da Silva
Dr. Diogo Guagliardo Neves
M.Sc. Eduardo Oliveira Pereira
Drª Elba Pereira Chaves
Dr. Elmo de Sena Ferreira Junior
M.Sc. Érica Mendonça Pinheiro
Dr. Fabio Antonio da Silva Arruda
M.Sc. Fernanda Tabita Barroso Zeidan
Dr. George Alberto da Silva Dias
Drª Gerbeli de Mattos Salgado Mochel
Drª Giselle Cutrim de Oliveira Santos
Drª Herlane de Olinda Vieira Barros
Drª Ivete Furtado Ribeiro Caldas
M.Sc. José Carlos Durans Pinheiro
M.Sc. Josiney Farias de Araújo
M.Sc. Julianno Pizzano Ayoub
Dr. Leonardo França da Silva
M.Sc. Lucianna Serfaty de Holanda
Drª Luciara Bilhalva Corrêa
Drª Luana Martins Cantanhede
Drª Maria Raimunda Chagas Silva
Drª Marina Bezerra Figueiredo
Drª Michela Costa Batista
Dr. Moisés dos Santos Rocha
Drª Priscila Xavier de Araújo
M.Sc. Ramaiany Carneiro Mesquita
Drª Rita de Cássia Silva de Oliveira
M.Sc. Rosany Maria Cunha Aranha
Dr. Saulo José Figueiredo Mendes
Drª Samantha Ariadne Alves de Freitas
Drª Sandra Imaculada Moreira Neto
M.Sc. Shirley Ribeiro Carvalho
Drª Sinara de Fátima Freire dos Santos
M.Sc. Tatiana Mendes Bacellar
Drª Thais Roseli Corrêa
Drª Thalita Karolline de Queiroz Pereira
M.Sc. Victor Crespo de Oliveira
Dr. Wellinton de Assunção
Dr. William de Jesus Ericeira Mochel Filho

Acesse www.editoranovus.com.br/corpo-editorial-2/ para conhecer os membros do Corpo Editorial

Parecer editorial e avaliação por pares
Os trabalhos que integram esta obra foram submetidos à apreciação do Conselho Editorial da Editora Novus e avaliados por pareceristas externos, por meio do sistema de revisão por pares (peer review), tendo sido considerados aptos para publicação.

Nota editorial: Trata-se de uma produção de caráter independente, na qual os direitos autorais permanecem sob a titularidade de seus respectivos autores. Eventualmente, alguns textos podem apresentar desdobramentos de pesquisas, comunicações ou trabalhos acadêmicos previamente apresentados ou defendidos, cabendo aos autores a observância rigorosa das boas práticas acadêmicas, especialmente no que se refere à prevenção do autoplágio. O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos autores, não refletindo, necessariamente, o posicionamento da Editora Novus, dos organizadores, dos revisores ou dos membros do Conselho Editorial.

PREFÁCIO

Quando existir é plural, narrar também precisa ser.

Há livros que contam histórias. Há outros que nos obrigam a rever a maneira como olhamos para quem está ao nosso lado. *Edupluriversência: Contos de Existir, Resistir e Reexistir – Volume I* nasce nesse segundo território — aquele em que a literatura deixa de ser apenas exercício de imaginação para se tornar experiência de deslocamento do olhar.

Organizada por Josimar Soares da Silva, esta coletânea reúne produções literárias de estudantes do Curso Técnico em Administração do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – *Campus* São João do Piauí. Mais do que reunir contos, entretanto, a obra reúne modos distintos de existir, sentir, perceber, comunicar-se, aprender, criar, sonhar e ocupar o mundo.

Há uma escolha fundamental atravessando estas páginas — colocar pessoas com deficiência no centro da narrativa. Elas não aparecem apenas como personagens sobre as quais alguém fala. Em grande parte dos textos, são elas que dizem "eu". Contam seus medos, seus desejos, suas frustrações, suas conquistas e, principalmente, aquilo que acontece quando o mundo foi construído imaginando apenas uma maneira de caminhar, enxergar, ouvir, falar ou aprender.

É justamente aí que começa a *Edupluriversência* — quando compreendemos que educar não pode significar enquadrar existências diferentes em uma única medida de normalidade.

Em "Além das linhas do papel", de Adna de Sousa Costa, Heitor nos coloca diante de uma escola que insiste em medir diferentes inteligências com a mesma régua. Sua dislexia entra em conflito com uma avaliação rigidamente baseada na escrita e na leitura, até que mapas mentais, oralidade e recursos visuais demonstram que aprender não possui uma única linguagem. A pergunta que permanece é incômoda e necessária — quantas vezes avaliamos a aprendizagem e quantas vezes avaliamos apenas a capacidade de alguém se adaptar ao instrumento que escolhemos para avaliá-la?

Em "Entre o que vejo e o que você vê", de Maria Eduarda Alencar Morais, a professora Carmen e sua retinose pigmentada desmontam outra certeza — enxergar não é uma experiência binária entre ver e não ver. Quando uma mochila permanece fora de seu campo visual, aquilo que parecia evidente para os alunos revela-se relativo. O conto nos lembra que nem toda deficiência é imediatamente percebida e que ninguém deveria precisar provar sua condição para que suas necessidades fossem respeitadas. No final, a mochila continua fora do campo de visão de Carmen; o cuidado dos estudantes, porém, já não está.

Em "O som que vejo nas mãos", de Maria Luísa de Sousa Oliveira Rubem, a surdocegueira desloca nossa compreensão dos sentidos. Texturas, vibrações, aromas, temperatura e Libras tátil compõem outra gramática de percepção. Quando a personagem transforma o vento em escultura, não é ela quem precisa aprender a perceber o mundo como os demais — são os demais que são convidados a tocá-lo como ela. A inclusão deixa, assim, de significar assimilação e passa a sig-

nificar convivência entre diferentes formas de experimentar a realidade.

Em “A vitória de Maria”, de Yonne Maria Santos Santana, uma cesta de basquete vale menos do que a rampa construída depois do jogo. Maria quer competir, mas encontra degraus onde deveria existir passagem. Sua experiência evidencia uma questão recorrente nesta coletânea — muitas vezes, a deficiência não impede a participação; a arquitetura é que impede. A vitória verdadeira acontece quando a barreira deixa de ser naturalizada e passa a ser reconhecida como algo que pode — e deve — ser transformado.

“O som que eu escolhi ouvir”, de Maria Eduarda Leandro Lopes, leva Daniel e seu violão ao palco. A música chega a ele pelas vibrações, pelos movimentos e pelas luzes que marcam o ritmo. O conto questiona a ideia de que existe apenas uma maneira legítima de experimentar uma linguagem artística. Daniel não precisa ouvir como os outros para produzir música; precisa que o ambiente reconheça sua maneira de senti-la.

Em “Quando o silêncio pode ser ouvido”, de Thayná Aparecida Sousa Magalhães, a participação de Loise em uma feira cultural mostra que estar presente não significa necessariamente estar incluído. Libras e legendas transformam a apresentação porque permitem participação efetiva. A narrativa desloca, portanto, a inclusão do território da presença para o território da participação — não basta permitir que alguém entre; é preciso garantir condições para que possa intervir, comunicar e produzir sentidos.

“Vozes em Libras”, de Ruthy de Sousa Rodrigues, expõe outro problema — uma instituição pode receber uma estudante e ainda assim não estar preparada para comunicar-se com ela. A ausência temporária da tradutora revela uma dependência produzida não apenas pela condição da personagem, mas pela falta de preparo coletivo. O conto provoca a escola a compreender que inclusão não pode depender exclusivamente de uma única profissional; precisa constituir cultura institucional.

“O caminho que ainda não existia”, de Dafne Vitória Sousa Pita, aprofunda essa discussão. Teresa deseja ser arquiteta e recusa a ideia de que alguém simplesmente a carregue para um espaço inacessível — ela quer que o espaço permita sua autonomia. Sua ambição final — construir caminhos onde todos possam passar — transforma a arquitetura em metáfora da própria educação inclusiva.

Em “Todos podem ser ouvidos”, de Sabrina Amorim Carvalho, Ebony utiliza celular, projeção e escrita para apresentar sua própria história. Talvez uma das frases mais importantes do livro esteja implicada nessa experiência — facilitar não significa fazer pelo outro. Sua voz pode estar numa tela, numa folha, num gesto ou no silêncio. O direito fundamental é que continue sendo sua voz.

“Os sons de um dia diferente”, de Samanta Amorim Carvalho, permite outra nuance. Quando o aparelho auditivo de Bia deixa de funcionar durante um concerto, a experiência não desaparece — movimentos, luzes, expressões e vibrações passam a compor outra forma de participação. O conto convida menos a celebrar uma suposta “superação” e mais a reconhecer a multiplicidade das experiências sensoriais.

“Sonhadora”, de Maria Eduarda Dias Fernandes, desloca a narrativa para um universo de realeza. Elena, herdeira do trono, busca compreender sua própria maneira de existir diante de expectativas que tentam determinar como uma fu-

tura rainha deveria comportar-se. Ao imaginar um reinado mais inclusivo, o conto transforma o autoconhecimento em projeto de transformação coletiva.

"O meu jeito de enxergar o mundo", de Kaylla de Paulo Viera, oferece uma imagem simples e profundamente pedagógica — a rampa não toca violão por Sofia; apenas permite que ela chegue ao palco. Eis uma síntese possível de toda política de acessibilidade — recursos não substituem capacidades — removem impedimentos para que elas possam manifestar-se.

Em "O som que eu não ouvia", de Kaylla Kemmilly Vieira Amorim, Olívia deseja ser reconhecida como fotógrafa, não simplesmente como "a menina surda". A fotografia torna-se linguagem de pertencimento, memória e identidade. Ao final, aprendemos com ela que algumas histórias não precisam de som para serem ouvidas.

Em "Quando minhas mãos começaram a falar", de Maria Clara Machado da Silva Sousa, o teatro aprende Libras. Gabriel não precisa apenas estar no elenco; precisa receber as informações necessárias para atuar. A escola compreende, assim, a diferença entre inserir alguém em uma atividade e garantir-lhe participação efetiva.

"O som que eu aprendi a sentir", de Victor Manoel Batista Mourão, apresenta Leonardo tocando gaita a partir das vibrações. O mar, o vento e a música formam uma paisagem sensorial que desafia o leitor ouvinte a abandonar a ideia de que a música pertence exclusivamente aos ouvidos.

Em "O som que ficou", de Jesarela Olita Veras Pereira, Helena utiliza a fotografia para contar "vozes" de sua cidade. O conto formula outra questão essencial — quem decidiu que uma voz precisa necessariamente de som? Sua exposição transforma imagem, texto, Libras e experiência em formas legítimas de enunciação.

"Ana Cecília e o jardim dos sonhos", de Ana Karoliny Teixeira Mauriz, oferece talvez a mais delicada metáfora da coletânea. Flores diferentes crescem juntas quando encontram condições para crescer. A passagem acessível construída até o jardim não beneficia somente Ana Cecília — permite que aquele espaço pertença verdadeiramente a todos. A escola inclusiva talvez seja exatamente esse jardim — não aquele que torna suas flores iguais, mas aquele que garante terra, caminho e espaço para que cada uma floresça à sua maneira.

Em "Um jeito diferente de enxergar", de Aycon Júnior Dias de Brito Borges, Lucas percebe que a transformação mais importante não é apenas a construção física da rampa, mas a mudança de percepção das pessoas. Sua voz passa a abrir caminhos. O conto evidencia que acessibilidade arquitetônica e acessibilidade atitudinal precisam caminhar juntas.

Em 'Além das barreiras', de Hallysson Juann da Silva Jesus, acompanha um jovem com deficiência visual que deseja tocar violão. A escola aprende a ouvi-lo e transforma os espaços para que alcance o palco com autonomia. Ao final, o próprio estudante participa de um projeto institucional voltado à identificação de outras barreiras. A experiência individual transforma-se, portanto, em consciência coletiva.

Em "Antes de ajudar, pergunte", de Davi Kauã Apolinário de Souza, Miguel, um bibliotecário cego, questiona uma forma de ajuda que, embora muitas vezes bem-intencionada, pode retirar da pessoa com deficiência sua autonomia e seu

direito de escolha. Ao mostrar que Miguel utiliza leitor de tela, bengala, referências espaciais e estratégias próprias para conduzir seu cotidiano profissional, a narrativa desloca a deficiência do território da dependência. O conto ensina algo aparentemente simples, mas fundamental — antes de tocar, conduzir, decidir ou agir em nome de alguém, é preciso perguntar como — e se — essa pessoa deseja ser ajudada. Inclusão, nesse sentido, começa também pelo respeito à autonomia.

Por fim, "O menino que aprendeu a ensinar", de Josimar Soares da Silva, amplia o horizonte da coletânea ao acompanhar Josmari, um menino do interior que convive com dificuldades de aprendizagem e que, contrariando expectativas construídas sobre sua trajetória, chega à docência. As lembranças da infância, do tempo diferente para aprender e das estratégias criadas no ambiente familiar transformam-se, posteriormente, em outra maneira de compreender o ato de ensinar. Sua trajetória sugere que aquele que um dia precisou que respeitassem seu próprio ritmo pode tornar-se justamente o educador capaz de reconhecer os diferentes ritmos de seus estudantes. Nesse conto, reexistir significa transformar uma história marcada por dificuldades em experiência, conhecimento e compromisso com uma educação na qual aprender de modo diferente jamais seja confundido com incapacidade.

Ao atravessarmos essas narrativas, percebemos que elas contam histórias diferentes, mas dialogam em torno de uma mesma questão — onde localizamos a deficiência quando pensamos a inclusão? No corpo que não sobe a escada ou na escola que só construiu escadas? Na pessoa que não ouve ou na atividade planejada exclusivamente pelo som? Na pessoa que não enxerga ou no material disponibilizado apenas visualmente? Na estudante que não utiliza a fala oral ou em uma comunidade que reconhece apenas a oralidade como voz? No aluno que aprende de outra maneira ou em uma avaliação que admite apenas uma forma de demonstrar aprendizagem? É nesse deslocamento que se encontra a potência da Edupluriversência. Edupluriversenciar a educação significa reconhecer que ensinar e aprender acontecem num universo habitado por múltiplas existências. Não se trata de apagar diferenças em nome de uma igualdade abstrata, mas de construir condições para que diferenças possam coexistir com dignidade, participação, autonomia e pertencimento. Por isso, os três verbos do título desta obra guardam um percurso. Existir é ocupar o mundo sendo quem se é. Resistir é não permitir que barreiras físicas, comunicacionais, pedagógicas ou atitudinais determinem antecipadamente até onde uma existência pode chegar. Reexistir é transformar essas experiências em novos caminhos — como Teresa imaginando a escola que ainda não existe; como Ana Cecília vendo sua flor crescer depois que finalmente construíram um caminho até o jardim. Esses contos foram escritos por estudantes. E talvez esteja justamente aí uma de suas maiores potências pedagógicas. Ao escreverem na primeira pessoa de personagens com diferentes deficiências e experiências, esses jovens foram convidados a imaginar o mundo a partir de lugares que nem sempre coincidem com os seus. A literatura tornou-se exercício de alteridade.

Não significa falar definitivamente pelo outro. Significa começar a perguntar sobre o outro. Significa perceber barreiras antes invisíveis. Significa desconfiar da palavra "normal". Significa compreender que ajudar não é substituir; incluir não é tolerar; adaptar não é privilegiar; acessibilidade não é favor; diferença não é incapacidade. Ao leitor que agora entra nestas páginas, portanto, fazemos um pedido — não procure heróis. Procure pessoas. Pessoas que estudam, trabalham,

dançam, jogam basquete, fotografam, tocam instrumentos, ensinam, escrevem, amam, sentem medo, erram, pedem ajuda, ajudam outras pessoas, desejam independência e imaginam futuros.

Não admire alguém simplesmente porque vive com uma deficiência.

Pergunte, antes, por que tantas vezes foi necessário lutar para realizar aquilo que deveria ter sido possível desde o início. Talvez, depois da última página, percebamos que a pergunta mais importante nunca tenha sido “do que essas pessoas são capazes?”

Talvez a pergunta seja — que escola, que sociedade e que mundo estamos dispostos a construir para que ninguém precise provar que merece participar deles? É dessa pergunta que nasce a Edupluriversência. E é nela que estes contos continuam, mesmo depois que o livro termina.

Prof. Dr. Josimar Soares

Organizador

SUMÁRIO

Capítulo I 14
ALÉM DAS LINHAS DO PAPEL
Adna de Sousa Costa

Capítulo II 16
ENTRE O QUE VEJO E O QUE VOCÊ VÊ
Maria Eduarda Alencar Morais

Capítulo III 19
O SOM QUE VEJO NAS MÃOS
Maria Luisa de Sousa Oliveira Rubem

Capítulo IV 21
A VITÓRIA DE MARIA
Yonne Maria Santos Santana

Capítulo V 23
O SOM QUE EU ESCOLHI OUVIR
Maria Eduarda Leandro Lopes

Capítulo VI 25
VOZES EM LIBRAS
Ruthy de Sousa Rodrigues

Capítulo VII 28
O CAMINHO QUE AINDA NÃO EXISTIA
Dafne Vitória Sousa Pita

Capítulo VIII 31
TODOS PODEM SER OUVIDOS
Sabrina Amorim Carvalho

Capítulo IX 34
OS SONS DE UM DIA DIFERENTE
Samanta Amorim Carvalho

Capítulo X 37
SONHADORA
Maria Eduarda Dias Fernandes

Capítulo XI 40
O MEU JEITO DE ENXERGAR O MUNDO
Kaylla de Paulo Viera

Capítulo XII 42
O SOM QUE EU NÃO OUVIA
Kaylla Kemmilly Vieira Amorim

Capítulo XIII 45
QUANDO MINHAS MÃOS COMEÇARAM A FALAR
Maria Clara Machado da Silva Sousa

Capítulo XIV 48
O SOM QUE EU APRENDI A SENTIR
Victor Manoel Batista Mourão

Capítulo XV 50
O SOM QUE FICOU
Jesarela Olita Veras Pereira

Capítulo XVI 52
ANA CECÍLIA E O JARDIM DOS SONHOS
Ana Karoliny Teixeira Mauriz

Capítulo XVII 54
UM JEITO DIFERENTE DE ENXERGAR
Aycon Júnior Dias de Brito Borges

Capítulo XVIII 57
ALÉM DAS BARREIRAS
Hallysson Juann da Silva Jesus

Capítulo XIX 60
ANTES DE AJUDAR, PERGUNTE
Davi Kauã Apolinário de Souza

Capítulo XX 63
QUANDO O SILÊNCIO PODE SER OUVIDO
Thayná Aparecida Sousa Magalhaes

Capítulo XXI 65
O MENINO QUE APRENDEU A ENSINAR
Josimar Soares da Silva

APRESENTAÇÃO

Edupluriversência: Contos de Existir, Resistir e Reexistir – Volume I nasce no espaço da sala de aula, onde a literatura deixa de ser apenas objeto de estudo para se tornar experiência de criação, reflexão e reconhecimento das múltiplas formas de existir no mundo. Esta coletânea reúne contos produzidos por estudantes do Ensino Médio Técnico Integrado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI, Campus São João do Piauí, no contexto das aulas de Língua Portuguesa. A proposta pedagógica partiu da produção do gênero conto e assumiu como princípio a construção de narrativas nas quais pessoas com deficiência ocupassem o centro da história, não como personagens secundárias, objetos de piedade ou figuras reduzidas às suas condições, mas como sujeitos que pensam, sentem, escolhem, criam, sonham, enfrentam conflitos e constroem seus próprios caminhos.

A escolha da narração em primeira pessoa, presente como orientação central da proposta, procurou aproximar os estudantes de um exercício literário de alteridade. Ao assumir a voz de um narrador-personagem com deficiência, cada jovem escritor foi provocado a deslocar o olhar, imaginar outras experiências de mundo e perceber que uma existência não pode ser resumida a uma característica corporal, sensorial, comunicacional ou cognitiva. Assim surgiram personagens que estudam, trabalham, dançam, fotografam, praticam esportes, fazem música, atuam, desenham, projetam cidades, constroem relações e enfrentam situações cotidianas. Ao longo das narrativas, encontram também escadas sem rampas, materiais inacessíveis, ausência de recursos comunicacionais, preconceitos, julgamentos e atitudes que revelam que muitas das limitações experimentadas pelas pessoas com deficiência não estão exclusivamente em seus corpos, mas nas barreiras construídas socialmente.

Nesse percurso, a escrita literária transformou-se também em oportunidade educativa. Produzir um conto significou trabalhar elementos da narrativa — narrador, personagem, espaço, tempo, conflito, clímax e desfecho —, mas significou igualmente perguntar — quem costuma ter o direito de protagonizar nossas histórias? Que existências permanecem à margem das narrativas? Como escrever sobre a diferença sem transformá-la em inferioridade? É nesse movimento que esta experiência encontra a ideia de Edupluriversência, conceito que atravessa e dá identidade à coletânea.

A Edupluriversência parte do reconhecimento de que educar acontece em um universo constituído por existências plurais. Cada sujeito chega à escola com diferentes corpos, histórias, formas de aprender, comunicar-se, perceber o mundo e relacionar-se com ele. Educar, nessa perspectiva, não significa apagar essas diferenças para produzir uma suposta homogeneidade, mas reconhecê-las como constitutivas da experiência humana e criar condições para que todas possam participar, aprender, produzir conhecimento e expressar suas próprias formas de existência.

Por isso, as três palavras presentes no subtítulo desta obra não foram escolhidas ao acaso: existir, resistir e reexistir. Existir é afirmar o direito de estar no mundo em sua singularidade. Resistir é enfrentar as barreiras que ainda transformam diferenças em desigualdades, silenciamentos ou exclusões. Reexistir é criar outras possibilidades de presença, participação e pertencimento, reconstruindo

caminhos onde antes havia limites impostos.

Os contos reunidos neste volume não pretendem falar definitivamente em nome das pessoas com deficiência. São produções literárias de estudantes em processo de formação e, justamente por isso, registram um exercício de aprendizagem, imaginação e sensibilização. Suas páginas devem ser compreendidas como parte de um movimento pedagógico que busca substituir certezas por perguntas, estereótipos por escuta e invisibilidades por reconhecimento.

Também por essa razão, esta coletânea não deve ser lida apenas como produto final de uma atividade escolar. Ela representa a materialização de um processo no qual estudantes deixaram a posição exclusiva de leitores para assumirem igualmente a condição de autores. Seus nomes, suas escolhas narrativas e suas maneiras particulares de construir personagens e conflitos constituem a identidade desta obra. Publicar essas produções significa reconhecer que aquilo que nasce na sala de aula pode ultrapassar suas paredes. O texto produzido no caderno, revisado, reescrito e compartilhado deixa de existir apenas para fins avaliativos e passa a circular socialmente, encontrando outros leitores e produzindo novos sentidos.

Nesse aspecto, a literatura revela uma de suas maiores potências educativas — permitir que experimentemos, pela palavra, perspectivas que não são necessariamente as nossas. Não para ocupar o lugar do outro, mas para compreender que existem outros lugares, outras experiências e outras maneiras legítimas de habitar o mundo. *Edupluriversência: Contos de Existir, Resistir e Reexistir* é, portanto, uma coletânea de histórias e, simultaneamente, o registro de uma experiência pedagógica. Cada narrativa preserva a singularidade de quem a escreveu, enquanto o conjunto constrói uma pergunta comum sobre a escola e a sociedade que desejamos construir.

Ao entregarmos estas páginas ao leitor, esperamos que os contos sejam lidos não apenas pelo que narram, mas também pelas inquietações que podem provocar. Porque talvez uma educação verdadeiramente inclusiva comece justamente quando compreendemos que não existe uma única maneira de aprender, comunicar, sentir, criar, participar ou existir. Existem muitas. E todas elas precisam encontrar lugar.

Prof. Dr. Josimar Soares

Organizador

Capítulo I

ALÉM DAS LINHAS DO PAPEL

Adna de Sousa Costa

Sempre acreditei que a inteligência tem formas infinitas de se expressar, mas a escola insiste em medir todas as mentes com a mesma régua. Meu nome é Heitor, tenho quinze anos e estou cursando o primeiro ano do ensino médio em uma escola tradicional onde existe uma cobrança enorme por folhas impressas e relatórios perfeitos. Para a maioria das pessoas, as palavras nos livros parecem quietas e organizadas, mas para mim, com a dislexia, elas muitas vezes embaralham, como se estivessem dançando. No entanto, o que me falta em facilidade com a gramática tradicional sobra em criatividade, comunicação e dedicação.

O desafio mais difícil do meu ano letivo aconteceu na véspera da “Mostra de Saberes”, o evento acadêmico que todos aguardam ansiosamente, onde cada aluno precisava apresentar o resultado de um projeto de pesquisa individual. O edital oficial trazia uma regra rígida: todos os participantes deveriam entregar um relatório escrito de três páginas e subir ao palco do auditório para uma leitura individual obrigatória diante de uma banca de professores rigorosos.

Quando circularam a cópia daquela norma pelo corredor, senti um frio terrível no estômago e um nó na garganta. Fui direto procurar a professora Cláudia, orientadora do meu projeto sobre a história da nossa cidade. Encontrei-a na sala de planejamento, rodeada de pilhas de papéis e canetas vermelhas.

O pedido foi feito com a voz trêmula, destacando o meu conhecimento de cor dos dados e a elaboração da parte visual, até chegar na regra que exigia três páginas escritas e leitura impressa exata. A resposta veio em tom educado, mas sem redefinições, reiterando que as normas da banca eram padronizadas e individuais para todos, desclassificando a participação sem o cumprimento das normas publicadas.

A sensação de impotência foi avassaladora. Fui para a mesa da biblioteca onde meus amigos Beatriz e Lucas me esperavam para lanchar. Expliquei, quase derrotado pela ideia de que todo o esforço de pesquisa teria sido em vão por causa de uma folha de papel. A indignação tomou conta de Beatriz, que reforçava o meu esforço e as semanas que dediquei à pesquisa, enquanto Lucas completou

dizendo que eu seria capaz de passar por isso.

Nos dias seguintes, com o apoio moral dos meus amigos, montei minha estratégia de forma totalmente independente. Eu não entreguei nenhum relatório escrito de três páginas, porque simplesmente não era por ali que o meu aprendizado funcionava. Em vez disso, preparei uma apresentação oral, guiada por grandes mapas mentais e esquemas visuais que eu mesmo desenhei à mão, focando em dominar cada conceito pela fala e pelas imagens.

O grande dia chegou, era uma manhã abafada de novembro. O auditório principal estava lotado de alunos, professores e os três avaliadores externos convidados pela diretoria. Sentado na segunda fileira, olhei para trás e vi Beatriz e Lucas sorrindo para me dar coragem. Às dez horas da manhã, chamaram meu nome. A caminhada em direção ao centro do palco aconteceu com as mãos suando frio e o coração batendo acelerado enquanto eu passava diante da mesa de avaliadores. O presidente da banca, conhecido pela sua exigência, cobrou explicações com voz seca, olhando para minhas mãos vazias e questionando onde estava meu relatório.

O silêncio absoluto no auditório foi quebrado com a minha explicação direta de que meu relatório havia sido feito nas ruas, no pensamento visual e que a apresentação seria oral, sem caber em linhas padronizadas de papel.

Sem esperar permissão, comecei a exposição de forma fluida e segura, guiada apenas pelos mapas mentais, demonstrando profundo conhecimento de cada dado. A dislexia impedia a decifração rápida de textos longos no papel, mas não apagava em nada a capacidade de raciocinar e argumentar.

Da plateia, Beatriz e Lucas assistiam orgulhosos, enquanto o desapontamento inicial da banca dava lugar a uma atenção profunda e respeitosa. Ao término da última frase, respirei antes de uma salva de palmas iniciada pelos amigos, seguida pelo sorriso aberto da professora Cláudia e pelos gestos de aprovação dos avaliadores.

O desfecho daquela manhã veio com a nota máxima e a menção honrosa do júri, mas o verdadeiro impacto aconteceu na semana seguinte. Pressionada pela repercussão da apresentação individual, a coordenação pedagógica revisou o manual de avaliações, definindo regras permanentes que aceitam defesas orais e relatórios visuais como formas válidas de avaliação. Aprendi que a minha mente não era defeituosa, ela apenas funcionava em um ritmo diferente, e que a verdadeira inclusão acontece quando a escola abre espaço para que cada um possa brilhar com a sua própria voz.

Capítulo II

ENTRE O QUE VEJO E O QUE VOCÊ VÊ

Maria Eduarda Alencar Morais

Meu nome é Carmen. Tenho trinta e cinco anos e, há quase uma década, trabalho como professora em uma escola que aprendi a conhecer de muitas maneiras. Conheço o sinal que anuncia o intervalo, o barulho das turmas antes de uma prova, o cheiro do café que atravessa o corredor pela manhã e a voz de quase todos os meus alunos. Gosto de ensinar, de contar histórias no meio das explicações e de ver aquele instante em que alguém finalmente entende um assunto difícil. Se eu tivesse de me apresentar, provavelmente começaria por essas coisas. Minha deficiência visual viria depois.

Tenho retinose pigmentada, uma doença degenerativa da retina. Meu campo de visão foi diminuindo aos poucos, e lugares com pouca iluminação se tornaram especialmente difíceis. Isso, porém, não significa que eu simplesmente "não enxergue". Eu vejo muitas coisas. Leio no computador quando amplio a tela, reconheço quem está diante de mim e caminho sozinha pelos lugares que conheço. Ao mesmo tempo, posso não perceber uma pessoa que se aproxima pelo lado, um objeto no chão ou algo que esteja fora da parte do campo visual que ainda preservo. Para quem olha de fora, essa diferença nem sempre é fácil de compreender.

Durante muito tempo, achei mais simples não explicar. Não escondia a retinose, mas também não queria entrar numa sala dizendo: "Olá, sou Carmen e tenho uma deficiência visual". Eu queria ser conhecida primeiro como professora. Além disso, eu havia criado minhas próprias estratégias. Decorava a disposição das carteiras, deixava meus materiais sempre no mesmo lugar, aumentava as letras no computador e prestava atenção às vozes quando não conseguia identificar um rosto.

Às vezes, porém, aconteciam pequenas situações. Um aluno levantava a mão no canto da sala e, depois de alguns minutos, reclamava:

— Professora, eu estou com a mão levantada faz um tempão!

Eu sorria e falava:

— Então, use essa voz que você tem, criatura! A turma ria, eu ria também, e a aula continuava.

Em outros momentos, alguém me cumprimentava de longe e eu passava sem responder. Certa vez, um colega brincou que eu estava ficando metida. Expliquei que simplesmente não o tinha visto. Ele riu, pediu desculpas e mudou de assunto. Essas situações pareciam pequenas, mas me lembravam constantemente de uma coisa: as pessoas acreditavam no que seus olhos conseguiam perceber sobre mim.

Foi numa terça-feira, durante a última aula da manhã, que isso deixou de parecer pequeno.

Eu explicava o conteúdo andando entre as fileiras. Era uma turma agitada, mas daquelas de que eu gostava. Havia perguntas, comentários e algumas conversas paralelas que eu fingia não ouvir até precisar interrompê-las. Enquanto eu escrevia no quadro, um dos alunos tirou a mochila das costas e a colocou no chão, ao lado da carteira, avançando um pouco sobre o corredor. Ele não fez aquilo para me provocar. Provavelmente, nem pensou no assunto.

Terminei de escrever, virei-me e comecei a caminhar enquanto continuava a explicação. Eu via os rostos à minha frente. Via o quadro quando olhava para trás. Via a primeira fileira. Mas a mochila estava mais abaixo e deslocada para uma região que escapava ao meu campo visual. Meu pé prendeu na alça.

Tudo aconteceu rápido. Tentei recuperar o equilíbrio, bati a mão em uma carteira e quase fui ao chão. Alguns cadernos caíram. Por um segundo, a sala ficou em silêncio. Depois, ouvi uma risada curta. Outra veio logo em seguida. Não eram gargalhadas cruéis. Eram aquelas risadas involuntárias que surgem quando alguém tropeça. Talvez isso devesse ter me consolado. Não consolou.

Meu rosto queimou. Endireitei o corpo e tentei ajeitar os papéis como se aquilo não tivesse importância.

Então, um aluno falou:

— Professora, mas a mochila estava bem na sua frente!

A frase ficou maior do que o tropeço. Para ele, estava. Para mim, não. Olhei para a turma e tive vontade de explicar tudo naquele instante. Queria dizer que eu não era distraída, que não havia tropeçado por descuido. Queria explicar meu campo de visão, a dificuldade no escuro, as vezes em que reconhecia alguém pela voz antes de reconhecer pelo rosto. Mas nenhuma dessas palavras saiu. De repente, eu não era a professora segura que minutos antes explicava a matéria. Eu era uma mulher tentando decidir se precisava justificar, diante de trinta pessoas, aquilo que seus olhos não conseguiam fazer.

— Guardem as mochilas embaixo das carteiras, por favor! — Foi tudo o que consegui dizer.

Voltei ao quadro. Minha mão tremia discretamente enquanto eu escrevia. Continuei a aula até o sinal tocar. Quando o último aluno saiu, sentei-me e fiquei olhando para a sala vazia. Eu já havia tropeçado outras vezes. Já havia esbarrado em cadeiras, errado degraus e passado direto por conhecidos. Mas naquele dia não foi a mochila que mais doeu; foi a sensação de que, por não parecer uma pessoa com deficiência, eu precisava provar que era. No dia seguinte, fiquei al-

guns segundos diante da porta antes de entrar naquela turma. Poderia fingir que nada havia acontecido — o que eu fazia muitas vezes —, mas percebi que meu silêncio também permitia que eles continuassem imaginando que deficiência visual significava apenas não enxergar absolutamente nada.

Entrei, coloquei meus livros sobre a mesa e disse:

— Antes da aula, quero conversar com vocês sobre a mochila de ontem.

O aluno que a havia deixado no corredor abaixou os olhos.

— Professora, desculpa. Eu não coloquei ali de propósito.

— Eu sei. E não estou brava com você.

Contei, então, que tinha retinose pigmentada. Expliquei de maneira simples que meu campo visual era reduzido e que minha visão mudava conforme a iluminação, a distância e a posição das coisas. Disse que eu podia ler uma tela ampliada e, minutos depois, não perceber um objeto ao meu lado. Podia olhar diretamente para um aluno e não notar outro levantando a mão no canto da sala. Enxergar alguma coisa não significava enxergar tudo.

Uma menina da primeira fileira perguntou:

— Professora, por que a senhora nunca contou para a gente? — Demorei um pouco para responder.

— Porque eu queria que vocês conhecessem Carmen, a professora, antes de conhecerem a deficiência de Carmen. Mas acho que eu também estava cansada de explicar uma coisa que as pessoas só parecem acreditar quando conseguem ver.

A sala permaneceu quieta. Outro aluno perguntou se minha visão poderia piorar. Respondi que sim, que a doença era progressiva e que eu não sabia exatamente como enxergaria no futuro. Dizer aquilo em voz alta me deu medo. Ao mesmo tempo, senti um alívio inesperado. Eu não estava pedindo pena. Estava apenas permitindo que eles conhecessem uma parte da minha realidade.

As coisas não mudaram magicamente depois daquela conversa. Alguns alunos ainda esqueciam mochilas no corredor. Às vezes, alguém apontava para alguma coisa distante e dizia “ali”, como se “ali” fosse uma localização precisa. Eu continuava precisando explicar certas situações. Mas alguma coisa havia mudado.

Algumas semanas depois, eu caminhava entre as carteiras enquanto explicava uma atividade. Um aluno deixou a mochila no corredor. Antes que eu chegasse perto, ouvi outra voz:

— Ei, tira daí. É passagem.

O garoto puxou a mochila para debaixo da carteira e a aula continuou. Ninguém fez discurso.

Ninguém olhou para mim esperando agradecimento. Eu também não disse nada. Continuei falando como se não tivesse ouvido. Mas sorri. A mochila ainda estava fora do meu campo de visão. O cuidado, não.

Capítulo III

O SOM QUE VEJO NAS MÃOS

Maria Luisa de Sousa Oliveira Rubem

Minhas mãos são os meus olhos, meus ouvidos e minha voz. Nascida com surdocegueira, aprendi desde cedo que o mundo não se resume às cores e aos sons que a maioria das pessoas percebe. Ele é feito de texturas, vibrações, aromas e do calor da pele humana. Minha mente é um universo vibrante onde cada objeto tem sua própria linguagem tátil.

Aos dezenove anos, meu maior sonho era concluir o projeto final do curso de arte cerâmica na faculdade comunitária. Eu queria criar uma escultura que expressasse a sensação do vento em um dia de primavera. Para mim, o vento é o toque sutil na pele do rosto, o arrepio nos braços e a mudança de temperatura que me avisa quando uma janela se abre.

O ateliê era o meu lugar favorito. O cheiro de argila molhada e a consistência suave da terra sob meus dedos me traziam uma paz profunda. Ao meu lado, sempre estava a Sofia, minha guia-intérprete. Ela se comunicava comigo através da Libras tátil – tocando minhas mãos para transmitir os sinais das pessoas e descrever o ambiente ao redor.

O grande conflito surgiu três semanas antes da exposição final. O professor da disciplina, um homem renomado mas preso a conceitos tradicionais, expressou dúvidas sobre a minha capacidade de alinhar a peça com a proposta conceitual da turma. Através das mãos de Sofia, recebi a mensagem dele de que talvez fosse melhor eu apresentar apenas um vaso simples, algo mais “prático e seguro”.

Aquelas palavras me causaram uma onda de frustração. Não por me sentir incapaz, mas por perceber que o julgamento dele se baseava naquilo que eu não tinha, e não nas minhas habilidades. Eu não queria um caminho facilitado; queria expressar minha arte em igualdade com meus colegas.

Decidi que minha resposta não viria por palavras, mas pela argila. Trabalhei durante dias seguidos. Modelei uma estrutura espiralada com

sulcos profundos e bordas suaves, criando uma peça interativa. Quando o ar passava por suas cavidades, gerava vibrações distintas na base da peça, permi-

tindo que qualquer pessoa, tocando a estrutura, sentisse a dinâmica do fluxo do ar.

O dia da avaliação chegou. A sala estava cheia. Quando o professor se aproximou da minha bancada, pedi a Sofia que transmitisse um convite simples: que ele fechasse os olhos e colocasse as mãos sobre a escultura e soprasse na cavidade superior.

Ele hesitou, mas aceitou. No momento em que o ar percorreu a peça, as vibrações se espalharam pela argila até as palmas de suas mãos. Ele manteve os olhos fechados por alguns segundos, percebendo a intensidade do movimento que eu havia esculpido.

Quando abriu os olhos, buscou minhas mãos e ffez um único sinal em Libras tátil diretamente em minhas mãos: 'Perfeito'. O clímax de ansiedade deu lugar a um alívio caloroso no meu peito.

Minha escultura foi aprovada e colocada no centro da galeria. No dia da abertura, vi – através do relato tátil de Sofia – diversas pessoas tocando a peça e descobrindo uma nova forma de sentir a arte.

Entendi que a verdadeira inclusão ocorre quando permitimos que diferentes formas de perceber o mundo convivam e se complementem, mostrando que a sensibilidade humana não tem limites.

Capítulo IV

A VITÓRIA DE MARIA

Yonne Maria Santos Santana

Meu nome é Maria, tenho dezesseis anos e moro com minha mãe e meu irmão em uma cidade pequena. Desde criança, uso cadeira de rodas por causa de uma deficiência física. Apesar disso, nunca gostei que as pessoas me definissem apenas pela minha deficiência. Eu sou apaixonada por música, adoro ouvir minhas músicas favoritas e também gosto muito de desenhar. Meu maior sonho é ser arquiteta.

Na escola, sempre tive alguns amigos que me apoiavam, principalmente minha melhor amiga, Ana. Ela nunca me tratou de maneira diferente e sempre dizia que eu deveria acreditar mais em mim. Mesmo assim, algumas pessoas ainda não entendiam que uma deficiência não significava que eu não pudesse participar das mesmas atividades que elas.

Certa segunda-feira, durante a aula de Educação Física, nossa professora anunciou que aconteceria um campeonato de basquete entre as turmas. Na mesma hora, fiquei animada. Eu gostava de esportes e queria muito participar daquela competição.

— Professora, eu também posso jogar? – perguntei.

Ela sorriu e respondeu:

— Claro, Maria. Vamos encontrar uma maneira para que você participe.

Durante aquela semana, treinei bastante com Ana e meus outros colegas. No começo, alguns deles não sabiam como jogar comigo, mas, aos poucos, fomos aprendendo juntos. Eu estava cada vez mais confiante e mal podia esperar pelo dia do campeonato.

Finalmente, o grande dia chegou. Eu estava nervosa, mas também muito feliz. Porém, quando cheguei à quadra, percebi um problema: a entrada tinha vários degraus e não havia nenhuma rampa. Fiquei parada diante deles, olhando para meus colegas que já estavam lá dentro.

Naquele momento, senti uma mistura de tristeza, raiva e frustração. Eu ti-

nha treinado durante vários dias, mas parecia que tudo seria perdido por causa de uma barreira que eu não poderia ultrapassar sozinha.

— Acho que não vou conseguir jogar – falei, abaixando a cabeça.

Ana se aproximou de mim e respondeu:

— Você treinou tanto para chegar até aqui. Não vamos desistir agora.

A professora percebeu o que estava acontecendo e procurou a direção da escola. Depois de alguns minutos, encontraram uma entrada lateral que permitia meu acesso à quadra. Não era a solução ideal, mas eu finalmente poderia participar. Quando entrei, meus colegas começaram a bater palmas. Senti meu coração acelerar. Naquele instante, percebi que eu não precisava que sentissem pena de mim. Eu precisava apenas de uma oportunidade.

O jogo começou. No início, fiquei bastante nervosa e com medo de atrapalhar minha equipe. Mas continuei. Fiz alguns passes importantes e comecei a perceber que meus colegas confiavam em mim. O jogo estava muito disputado. Faltavam poucos segundos para o final e o placar estava empatado. Minha equipe conseguiu recuperar a bola e Ana passou para mim. Eu estava perto da cesta.

— Maria, você consegue! – gritou Ana.

Respirei fundo, mirei e lancei a bola. Por alguns segundos, fiquei olhando para ela no ar. Então, a bola entrou na cesta. A quadra inteira começou a comemorar. Minhas colegas vieram me abraçar e eu não consegui segurar o sorriso. Eu tinha conseguido. Naquele momento, percebi que minha maior vitória não tinha sido apenas marcar aquela cesta. Eu tinha vencido o medo de não conseguir e mostrado que também tinha capacidade de estar ali. Depois do campeonato, conversei com a diretora.

— Fico feliz por ter conseguido participar, mas espero que a escola melhore o acesso para que ninguém precise passar pelo que eu passei.

Ela concordou e disse que a escola iria providenciar uma rampa e melhorar outros espaços. Algumas semanas depois, a nova rampa foi construída. Quando passei por ela pela primeira vez, senti uma felicidade enorme. Para mim, aquela rampa representava muito mais do que uma simples passagem. Representava respeito, oportunidade e inclusão. Depois daquele dia, percebi que muitas vezes o problema não está na pessoa, mas nas barreiras que a sociedade coloca em seu caminho. Uma pessoa com deficiência pode ter sonhos, talentos, medos e objetivos como qualquer outra.

Aprendi que inclusão não é tratar alguém com deficiência como incapaz ou sentir pena. É garantir que todos tenham as mesmas oportunidades para estudar, participar, sonhar e conquistar seus objetivos. Hoje, quando lembro daquele campeonato, penso que a verdadeira vitória não foi somente aquela cesta. Minha vitória foi não ter desistido e ter ajudado a mostrar que todos merecem ter seu lugar. E, quando olho para a rampa da escola, lembro que uma barreira pode se transformar em um caminho. Basta que exista respeito, oportunidade e vontade de mudar.

Capítulo V

O SOM QUE EU ESCOLHI OUVIR

Maria Eduarda Leandro Lopes

Meu nome é Daniel, tenho dezessete anos e moro com minha mãe e minha irmã em uma cidade pequena. Desde criança, sou apaixonado por música. Gosto de tocar violão, principalmente porque posso sentir as vibrações das cordas e acompanhar os movimentos das minhas mãos.

Sou surdo desde os cinco anos de idade e me comunico principalmente pela Língua Brasileira de Sinais, a Libras. Minha surdez faz parte da minha vida, mas não define quem eu sou. Sou estudante, amigo, filho e tenho muitos sonhos. Um deles era participar do festival de talentos da minha escola.

O festival aconteceria no final de setembro, no ginásio da escola. Durante algumas semanas, comecei a ensaiar todos os dias. Minha amiga Sofia me ajudava, pois sabia Libras e conseguia me explicar algumas orientações dos professores.

Eu estava animado, mas também tinha medo de que as pessoas enxergassem apenas minha deficiência e não o meu talento.

Certa tarde, fui conversar com o professor responsável pelo festival. Ele explicou que as apresentações seriam acompanhadas pelo sistema de som do ginásio.

— Professor, eu não consigo acompanhar o áudio – expliquei.

Antes que pudéssemos pensar em uma solução, o responsável pela organização entrou na sala.

— Talvez seja melhor você escolher outra apresentação. Assim evitamos problemas – disse ele.

Fiquei em silêncio. Eu sabia que ele talvez não quisesse me ofender, mas suas palavras fizeram parecer que meu sonho era impossível.

Naquela noite, deixei meu violão encostado no canto do quarto. Pela primeira vez, pensei em desistir. No dia seguinte, Sofia percebeu que eu

estava triste.

— Você vai desistir? – perguntou.

— Não quero desistir. Só não sei como continuar.

Ela pensou por alguns segundos e respondeu:

— Então, vamos encontrar outra maneira.

Conversamos com o professor e pensamos em uma solução. Eu poderia acompanhar o ritmo por sinais visuais, além de sentir as vibrações do violão. As luzes do palco também ajudariam a marcar o tempo da música.

A direção aceitou a ideia e meus colegas começaram a ajudar nos preparativos. Pela primeira vez, ninguém estava tentando decidir o que eu poderia ou não fazer. Estavam procurando uma maneira de tornar minha participação possível. Finalmente chegou o último sábado de setembro. O ginásio estava cheio. Atrás do palco, minhas mãos estavam frias e meu coração batia rápido.

— Está com medo? – perguntou Sofia.

— Muito.

Ela sorriu.

— Então, significa que isso é importante para você. Pouco depois, chamaram meu nome. Subi ao palco segurando o violão e olhei para a plateia. Vi minha mãe na primeira fila, sorrindo. As luzes se acenderam. Comecei a tocar.

No início, minhas mãos tremiam, mas logo consegui me concentrar. Observei as luzes, acompanhei o ritmo e senti as vibrações das cordas. Naquele momento, percebi que eu não precisava sentir a música exatamente como as outras pessoas. Eu sentia a música de outra maneira: através das vibrações, dos movimentos e das emoções. Quando toquei o último acorde, olhei para a plateia. Eu não conseguia ouvir os aplausos, mas via todos de pé. Minha mãe chorava. Sofia sorria e fazia um sinal em Libras:

— Você conseguiu!

Eu sorri de volta.

No final do festival, fiquei em segundo lugar. Confesso que fiquei um pouco decepcionado, pois queria vencer. Porém, quando saí do palco, uma menina se aproximou e fez alguns sinais em Libras:

— Você me inspirou. Naquele momento, percebi que minha maior conquista não estava no resultado do festival. Estava em não ter deixado o medo decidir por mim.

Depois daquele dia, a escola começou a pensar em novas formas de tornar suas atividades mais acessíveis. Eu também continuei tocando violão e nunca mais pensei que meus sonhos deveriam ser menores por causa da minha deficiência. Aprendi que inclusão não significa sentir pena de alguém. Significa respeitar suas diferenças e oferecer condições para que todos possam participar.

Capítulo VI

VOZES EM LIBRAS

Ruthy de Sousa Rodrigues

Eu sou a Gabriela, tenho 15 anos e estou cursando o 1° ano do Ensino Médio. Nasci com uma doença nas minhas cordas vocais que com o tempo me deixou totalmente sem voz; eu e a minha família tivemos que nos adaptar a essa mudança e precisamos ter aulas de Libras todos juntos para nos comunicarmos. Na minha casa, somos quatro (cinco com o cachorro da minha irmã).

A nossa adaptação foi um pouco difícil, pois perdi a minha fala totalmente com quatro anos de idade. Sempre tive acompanhamento de um fonoaudiólogo, uma vez que tínhamos a esperança de que eu recuperasse a minha fala.

Por um tempo, eu me senti culpada pelos meus pais terem que gastar tanto com um médico particular na tentativa de recuperar a minha fala, mas eles sempre diziam que aquilo não era um peso e que fariam tudo que estivesse ao seu alcance para a minha recuperação.

Na escola, eu sempre tive acompanhamento de uma tradutora – eu sabia me comunicar, mas alguns professores nem sempre conseguiam me entender.

Passei todo o meu ensino fundamental na mesma escola, sempre tive o apoio de todos os docentes da instituição e isso ajudou muito o meu aprendizado.

Hoje, é o meu primeiro dia de aula em uma instituição diferente. Apresentamos todos os laudos e documentos médicos necessários para que eu tenha um acompanhamento especializado em sala de aula.

Algumas pessoas me olham estranho, conversam em grupo olhando para mim, isso me incomoda um pouco no início, mas depois eu ignoro – não é a primeira vez que me olham desta maneira ou falam sobre mim. Eu aprendi a conviver com a indiferença no rosto das pessoas ao meu redor e com a dificuldade que elas têm em se comunicar comigo.

Eu consegui o acompanhamento necessário, é uma mulher, o nome dela é Bia, ela me ajudou a traduzir as respostas que eu dava às perguntas-padrão que todo professor faz no primeiro dia de aula. Eles já sabiam que eu tenho esse

problema, isso facilitou muito, assim, eu não tive que falar para todos do meu problema.

Já faz dois meses que estou estudando nesta escola e eu descobri que tem mais professores que não conseguem se comunicar comigo sem a minha tradutora do que eu imaginava. Na verdade, há mais pessoas que não conseguem se comunicar comigo do que eu imaginava, e isso me preocupa um pouco.

Ontem, eu recebi uma notificação da instituição que dizia que a minha tradutora havia apresentado um atestado e que ela não iria me acompanhar no restante da semana. Hoje é quarta-feira, ainda bem que estamos no meio da semana; eles disseram também que não conseguiram uma tradutora substituta para me acompanhar hoje, então, eu vou ter que me virar sozinha.

Logo na primeira aula, a professora passou um texto para que cada um de nós lesse um parágrafo. Quando chegou a minha vez de ler, tentei comunicar à professora que eu estava sem a tradutora, mas, como esperado, ela não entendeu e eu tive que escrever um texto explicando tudo que aconteceu.

Hoje, eu tenho cinco aulas e finalmente estamos na última; Passei o intervalo todo dentro da sala de aula porque não tinha como eu me comunicar com as pessoas e escrever iria demorar muito.

— Bem pessoal, hoje nós vamos fazer uma atividade avaliativa em grupo, então, formem os seus grupos – disse a professora.

Assim que eu ouvi, me dirigi até a professora para explicar a minha situação, mas ela disse:

— Sinto muito, Gabriela, mas não posso adiar essa avaliação em grupo.

Como eu iria me comunicar com os meus colegas? Eu iria demorar muito para escrever para os meus colegas. Então, fui falar com o diretor, pois ele era a única pessoa além de Bia que conseguia se comunicar comigo com clareza.

— Oi Gabriela, bom dia! Em que posso te ajudar? – sinalizou ele.

— Oi diretor! Estou com um problema – sinalizei. – A minha professora de português está passando uma atividade avaliativa em grupo, porém eu estou sem a Bia; tentei explicar, mas ela disse que não podia adiar a avaliação e se eu não fizer, fico sem ponto.

Ele ficou em silêncio por um momento e digitou algo. Até que disse:

— Ok. Gabriela, eu vou acompanhar você nesta aula e depois vou tentar resolver o seu problema. Você não pode ficar sem tradutora.

Quando cheguei em casa, falei o que aconteceu para os meus pais. Eu fiquei chateada com o que aconteceu, pois é como se eu precisasse sempre de alguém e que nunca conseguiria ser independente sozinha.

No dia seguinte, ao chegar à escola, percebi que o diretor estava me esperando na entrada com uma mulher ao seu lado.

— Bom dia, Gabriela! Essa é Jéssica, ela vai te acompanhar enquanto a Bia estiver de atestado. Peço perdão pelos transtornos que você passou ontem. – Disse o diretor.

Ouvir aquilo me deixou muito feliz por saber que não passaria pelos problemas do dia anterior e que eu teria uma tradutora nos próximos dias. Não ter pro-

fessores preparados para ensinar alunos como eu não deveria ser um problema nas escolas, mas é, e eu imagino quantos alunos, além de mim, já passaram por coisa parecida e quantos deles já foram prejudicados por isso.

Capítulo VII

O CAMINHO QUE AINDA NÃO EXISTIA

Dafne Vitória Sousa Pita

Meu nome é Teresa, tenho dezesseis anos e uso cadeira de rodas desde criança. Gosto de desenhar, ouvir música e imaginar como seriam as cidades se fossem construídas pensando em todas as pessoas. Meu maior sonho é ser arquiteta.

Eu nunca gostei quando alguém dizia que eu era “um exemplo de superação” apenas por fazer as mesmas coisas que qualquer adolescente fazia. Eu não queria ser vista como alguém extraordinária por estudar, ter amigos ou sonhar com o futuro. Eu só queria ter as mesmas oportunidades que os outros.

Naquela segunda-feira, cheguei à escola mais cedo do que de costume. O céu estava nublado e o pátio estava quase vazio. Eu gostava daquele silêncio antes do sinal tocar. Era um dos poucos momentos em que conseguia observar a escola com calma.

Naquele dia, porém, percebi algo que já fazia parte da minha rotina: a rampa que levava até o segundo bloco estava interditada para uma reforma. Para os outros alunos, aquilo significava apenas usar a escada. Para mim, significava dar uma volta enorme pelo estacionamento para chegar à sala.

Respirei fundo e segui pelo caminho indicado.

— De novo isso? – murmurei.

Quando cheguei à sala, minha amiga Júlia já estava lá.

— Você demorou hoje – ela comentou.

— A escola resolveu construir um labirinto para mim – respondi, tentando brincar com a situação.

Ela riu, mas logo percebeu que eu não estava realmente achando graça.

— Isso ainda está te incomodando, não está?

— Não é só a rampa, Júlia. É tudo. Às vezes, parece que a escola foi feita para todo mundo, menos para algumas pessoas.

Ela ficou em silêncio por alguns segundos.

— Então, vamos fazer alguma coisa.

Naquela semana, a professora Helena anunciou um projeto para a feira de ciências e tecnologia. Cada grupo deveria apresentar uma ideia que pudesse melhorar a vida das pessoas. Na mesma hora, eu tive uma ideia.

— Quero fazer uma maquete de uma escola acessível – falei.

Júlia sorriu.

— Eu sabia que você ia escolher isso.

Nos dias seguintes, começamos a trabalhar. Eu desenhei corredores mais largos, rampas com inclinação adequada, banheiros acessíveis, sinalização e espaços que pudessem ser utilizados por pessoas com diferentes necessidades. Meu colega Pedro também entrou no grupo.

— Você entende mesmo de acessibilidade – ele disse enquanto observava meu desenho.

— Eu entendo porque preciso dela todos os dias – respondi. – Mas acessibilidade não deveria ser responsabilidade só de quem precisa. Pedro concordou.

Aos poucos, nosso projeto foi ficando pronto. Eu estava orgulhosa. Pela primeira vez, sentia que uma dificuldade que fazia parte da minha rotina poderia se transformar em uma ideia capaz de ajudar outras pessoas. O problema apareceu dois dias antes da apresentação. A maquete deveria ficar no laboratório do segundo bloco, justamente onde a rampa estava interditada. Quando descobrimos isso, fui falar com o responsável pela reforma.

— Senhor, será que podemos apresentar em outro lugar? – perguntei.

Ele olhou para a minha cadeira e depois para mim.

— Talvez seja melhor alguém do seu grupo levar você para lá.

Senti meu rosto esquentar.

— Eu não preciso que alguém me leve. Preciso que o lugar seja acessível.

Ele pareceu surpreso.

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Eu sei. Mas é exatamente esse o problema. Às vezes, as pessoas tentam resolver a situação fazendo algo por mim, quando poderiam simplesmente garantir que eu pudesse fazer sozinha. Voltei para a sala frustrada. Eu tinha vontade de desistir. Júlia percebeu.

— O que aconteceu?

Contei tudo.

— Talvez a gente possa apresentar na sala mesmo – ela sugeriu.

— Mas o laboratório foi escolhido para todos os grupos. Se eu simplesmente aceitar, nada vai mudar.

Naquele momento, pensei em quantas vezes eu havia ficado esperando alguém abrir uma porta, mover uma cadeira ou encontrar um caminho alternativo. Não era apenas uma rampa. Era a sensação de que, muitas vezes, as pessoas

decidiam por mim o que eu conseguia ou não fazer.

No dia da feira, contei à professora o que estava acontecendo. Com a ajuda de alguns funcionários, encontramos uma entrada acessível para o laboratório e consegui apresentar o projeto.

Expliquei que acessibilidade não era um favor, mas um direito. A diretora reconheceu o problema e, algumas semanas depois, a escola começou a fazer mudanças.

Ao passar pela nova rampa, Júlia perguntou:

— E aí, arquiteta? Gostou?

Sorri.

— Gostei. Mas ainda tem muito o que melhorar.

Naquele dia, percebi que o problema não estava em mim, mas nas barreiras. Eu não queria apenas encontrar caminhos que já existiam. Queria ajudar a construir caminhos onde todos pudessem passar.

Capítulo VIII

TODOS PODEM SER OUVIDOS

Sabrina Amorim Carvalho

Na segunda-feira, a professora Helena entrou na sala carregando uma pilha de papéis e um sorriso que logo despertou a curiosidade da turma: – Tenho uma novidade para vocês – anunciou:– Na sexta-feira, teremos uma Noite Cultural no auditório da escola. Cada aluno poderá apresentar algo que saiba fazer: cantar, tocar um instrumento, desenhar, atuar ou contar uma história.

Enquanto meus colegas conversavam sobre o que fariam, fiquei olhando para meu caderno. Eu gostava de escrever desde pequena e, naquele momento, eu tinha centenas de histórias guardadas, mas quase nunca mostrava para ninguém. Escrever era a maneira que eu encontrava para colocar para fora coisas que nem sempre conseguia dizer.

Eu tenho dezesseis anos. Sou negra, tenho cabelo cacheado longo e castanho escuros, também olhos castanho-escuros. Gosto de usar muitos brincos pequenos e pulseiras, e minha mochila sempre fica cheia de adesivos. Quem me conhece, diria que sou observadora, teimosa e, segundo Clara, minha melhor amiga, um pouco sarcástica. Também tenho deficiência de fala e, por isso, costumo utilizar meu celular para escrever o que quero dizer. Algumas pessoas demoram para se acostumar com isso. Outras, simplesmente não têm paciência.

Naquele momento, porém, só consegui pensar em uma coisa: eu queria participar. Levantei a mão e escrevi no celular que gostaria de apresentar uma das minhas histórias. A professora Helena sorriu: – Eu adoraria conhecer sua história, Ebony. Saí da sala naquele dia com uma sensação diferente. Pela primeira vez, imaginei meu nome escrito na programação da Noite Cultural.

Na terça-feira, comecei os ensaios. Clara ficou comigo durante o intervalo, enquanto eu organizava o texto no celular: – Você vai conseguir – ela disse. Sorri. – Eu sei – respondi pelo aplicativo. Naquele mesmo dia, Lucas, um colega da turma, passou perto de nós duas e me perguntou:– Você vai mesmo apresentar assim?

Olhei para ele: – Assim como? Ele ficou sem jeito: – Quer dizer... usando o celular. Não vai ser difícil para o pessoal entender?

Não respondi imediatamente. Aquela pergunta ficou na minha cabeça pelo resto do dia. Eu sabia que poderia ser difícil. Mas não entendia por que a dificuldade de algumas pessoas em esperar ou prestar atenção deveria significar que eu não poderia participar.

Na quarta-feira, conversei com a professora Helena. Ela tinha preparado a programação do evento e parecia preocupada: – Ebony, pensei em uma coisa. Talvez a Clara possa ler seu conto no palco. Você poderia ficar ao lado dela. Assim, seria mais fácil para todos. Olhei para ela por alguns segundos. Eu sabia que ela estava tentando ajudar. Mesmo assim, senti uma pontada de frustração. Escrevi no celular: – Mas eu quero apresentar. A professora ficou em silêncio. – Eu só quero facilitar para você. Digitei outra mensagem: – Eu agradeço. Mas facilitar não significa fazer por mim. A professora leu e abaixou os olhos: – Certo, mas vou pensar em outra maneira. Saí da sala com sentimentos misturados. Estava orgulhosa por ter dito o que pensava, mas também com medo. E se eu não conseguisse? E se o auditório ficasse em silêncio? E se as pessoas rissem?

Naquele dia, contei tudo para Clara: – Eu fiquei com medo de você não conseguir – ela confessou. Digitei: – Eu também. Ela riu: – Pelo menos nisso nós duas estamos de acordo. Depois ficou séria: – Mas eu entendi. Você quer que eu esteja com você, não que eu fale por você. Assenti e na quinta-feira, fizemos o último ensaio no auditório. O lugar parecia muito maior vazio do que eu imaginava. As cadeiras se estendiam diante do palco, e as luzes deixavam algumas partes da sala quase escondidas na sombra.

Fiquei parada no centro do palco olhando para aquelas cadeiras vazias: – E se eu desistir? – perguntei pelo celular. Clara respondeu: – Então, você desiste porque decidiu, não porque alguém decidiu por você. Sorri e começamos a ensaiar, mas surgiu um problema. Meu aplicativo travou e não reproduziu corretamente uma das partes do texto, então, tentei novamente.

Nada... E meu coração começou a acelerar. Naquele instante, pensei em aceitar a primeira sugestão da professora e deixar Clara apresentar por mim, mas também pensei em todos aqueles dias escrevendo minha história. Eu não queria que outra pessoa contasse aquilo que havia saído de mim. Então, procurei uma solução. Além do celular, eu havia levado uma cópia impressa do conto. A professora poderia projetar algumas partes no telão enquanto eu utilizaria meu celular para acompanhar a apresentação. Não seria exatamente como eu havia imaginado, mas seria meu.

Na sexta-feira, o auditório estava cheio e atrás da cortina, eu conseguia ouvir o movimento das pessoas chegando. Minhas mãos estavam frias. Clara percebeu meu nervosismo: – Está tudo bem? Olhei para ela e digitei: – Não. Ela sorriu: – Ótimo! Eu também estaria nervosa.

Quando chamaram meu nome, senti vontade de desaparecer. Caminhei até o palco e as luzes iluminaram meu rosto. Olhei para as cadeiras e reconheci alguns colegas. Lucas estava sentado perto da frente. A professora Helena estava ao lado do palco. Então, respirei fundo e comecei a apresentação.

Meu celular demorou alguns segundos para reproduzir a primeira frase. O silêncio pareceu enorme. Por um instante, pensei que tudo tinha dado errado. Olhei para Clara e ela não fez nada. Apenas ficou ali, esperando e foi justamente isso que eu precisava. Então, continuei. Algumas frases apareceram no telão. Outras, foram reproduzidas pelo meu celular. O público precisava esperar um pouco

mais entre uma parte e outra, mas ninguém tentou tomar meu lugar.

Quando terminei, fiquei alguns segundos em silêncio. Então, ouvi os aplausos. Não eram apenas aplausos por eu ter conseguido chegar ao fim, mas sim aplausos pela história. Depois da apresentação, a professora Helena veio falar comigo: – Ebony, eu percebi que estava tentando facilitar as coisas do jeito errado. Eu achei que incluir você significava encontrar alguém para falar por você. Agora, entendo que significava encontrar uma maneira para você mesma participar.

Lucas também se aproximou: – Desculpa por ter duvidado de você – disse:– Acho que eu estava preocupado em saber se você conseguiria fazer do jeito que todo mundo faz. Olhei para ele e respondi pelo celular: – Talvez esse tenha sido o problema. Ele sorriu, entendendo. Naquela noite, quando cheguei em casa, abri meu caderno e escrevi algumas linhas antes de dormir.

Durante muito tempo, pensei que precisava encontrar uma maneira de falar que fosse igual à das outras pessoas para ser realmente ouvida, mas naquele dia, descobri que não. Minha voz podia estar em uma tela, em uma folha de papel, em um gesto ou até em um silêncio cheio de significado.

Eu não precisava falar como todo mundo. Só precisava ter a oportunidade de falar por mim mesma e, talvez, fosse isso que inclusão realmente significasse: não fazer com que todos fossem iguais, mas garantir que, de maneiras diferentes, todos pudessem ser ouvidos.

Capítulo IX

OS SONS DE UM DIA DIFERENTE

Samanta Amorim Carvalho

Meu nome é Bia, tenho dezessete anos e nasci surda. Uso aparelho auditivo desde os cinco anos. Por isso, ele sempre esteve presente na minha vida. Com o tempo, fui aprendendo também a ler os lábios das pessoas.

Na escola, durante o passeio na hora do recreio, eu estava andando com Letícia e Laura. Quando passamos pelo pátio central, Laura apontou para o mural da escola onde tinha um cartaz. Logo, Letícia disse que estava anunciando a data de um festival cultural da escola, que seria em um final de semana com uma peça teatral e um concerto.

Fiquei animada com o anúncio, pois seria a primeira vez que ouviria um concerto, logo na escola. Laura perguntou em libras se aquilo não iria interferir na minha audição. Não me chateei com a pergunta, pois nem todos sabem o que o aparelho pode fazer. Neguei com a cabeça e respondi que, com o aparelho novo, não haveria problema em ouvir a música se fosse alta.

Na volta do recreio, na sala com as meninas, estava explicando que queria muito ir para participar do evento, mas como seria no final de semana, provavelmente, minha mãe não deixaria, porque teríamos que visitar a minha vó. Também porque minha mãe não me deixaria vir sem a auxiliar, que certamente não viria para a escola por ficar de folga no feriado.

Conversando com as meninas, senti alguém me cutucando no ombro para chamar minha atenção. Virei o rosto na direção da pessoa com as sobrancelhas cerradas. Era Teo, um colega da classe, com a minha garrafa na mão. Gesticulei um pouco impaciente, explicando que não precisava me cutucar para ter minha atenção. Expliquei que ouviria se ele chamasse e que não era completamente surda.

Com isso, Teo assentiu e pediu desculpas. Disse que tinha esquecido e perguntou se poderia pegar um pouco da minha água. Disse que sim. Depois, voltei para as meninas, contando que estava meio receosa com minha mãe nesse dia do evento e pedi a ajuda de Letícia para convencer minha mãe a deixar ficar com ela para ser minha auxiliar no dia. Letícia aceitou e propôs que eu poderia dormir

na casa dela na sexta para no sábado irmos juntas e só encontrarmos Laura na escola. Assim, nós três concordamos.

No final da aula, fui a primeira a sair da sala. Antes de descer as escadas para ir para o portão, fui ao corredor do bebedouro encher a garrafa. Chegando lá, estava o meu colega Teo, conversando com um garoto de outra turma. Aproximei-me do bebedouro sem demonstrar presença para eles, mas o menino notou o aparelho auditivo. O menino murmurou baixo para Teo, perguntando se era um aparelho no meu ouvido e se eu era surda. Teo respondeu que sim e que, provavelmente, eu tinha escutado o que ele tinha dito.

Dei uma olhada de canto de olho para eles. O menino tentou se desculpar em libras, mas se atrapalhou. Disse que não precisava se preocupar, que não estava incomodada e que ele não precisava passar o sufoco de se explicar, que poderia falar, pois eu estava o escutando.

Com isso, terminei de encher minha garrafa e fui para o andar de baixo. No portão, minha mãe já estava me esperando do outro lado da rua. Quando me aproximei dela, já fui dizendo que teria novidade na escola e que não aceitaria um não como resposta.

Minha mãe riu da minha expressão e perguntou o que havia acontecido. Comecei a contar sobre o festival. Falei do concerto, da peça e de como eu estava animada para participar. Expliquei também que Letícia tinha se oferecido para ficar comigo durante o evento e que eu poderia dormir na casa dela na sexta-feira para irmos juntas no sábado.

Minha mãe ouviu tudo em silêncio.

Quando terminei, ela disse que pensaria. Aquilo não era exatamente o sim que eu queria, mas também não era um não. Durante o caminho para casa, continuei tentando convencê-la. Falei que ficaria perto de Letícia o tempo todo, que Laura também estaria conosco e que eu já conhecia a escola. Minha mãe continuou dizendo que estava preocupada, principalmente porque seria no final de semana e eu estaria sem a auxiliar. Nos dias seguintes, sempre que encontrava uma oportunidade, voltava a falar sobre o festival. Mostrei novamente o cartaz. Contei sobre a programação. Expliquei como funcionava o meu aparelho novo. Até que, na quinta-feira, minha mãe finalmente concordou. Eu quase não acreditei.

— Então eu posso ir?

Ela confirmou com a cabeça e pediu apenas que eu tivesse cuidado e que mantivesse o celular por perto. Passei o restante do dia contando a novidade para Letícia e Laura. As duas ficaram tão animadas quanto eu.

Na sexta-feira, arrumei minha mochila para dormir na casa de Letícia. Coloquei minhas roupas, minha escova de dentes, a garrafa de água e alguns objetos que sempre gostava de levar comigo. Antes de sair, conferi meu aparelho mais de uma vez. Funcionava perfeitamente.

Na casa de Letícia, passamos boa parte da noite falando sobre o festival. Ela queria assistir à peça, enquanto eu estava mais curiosa pelo concerto. Eu queria saber como seria ouvir tantos instrumentos juntos. No sábado, acordamos cedo e fomos para a escola.

Assim que entramos, encontramos Laura. O lugar estava diferente do nor-

mal. Havia cartazes pelos corredores, pessoas organizando as apresentações e alunos andando de um lado para o outro. Fiquei olhando tudo com atenção. Eu estava feliz por finalmente estar ali.

Quando chegou o momento do concerto, nos sentamos próximas ao palco. Ajustei meu aparelho e fiquei esperando. As primeiras notas começaram. Por alguns segundos, esqueci de tudo ao meu redor.

Era diferente de ouvir uma música pelo celular ou pela televisão. Havia vários instrumentos juntos, e eu conseguia perceber sons diferentes acontecendo ao mesmo tempo. Alguns eram mais fáceis de ouvir, enquanto outros pareciam se misturar. Olhei para Letícia.

Ela percebeu minha expressão e sorriu. Eu estava gostando. Mas, conforme a apresentação continuava, alguma coisa começou a mudar. Primeiro, achei que fosse apenas o volume. Depois, percebi que algumas vozes ao meu redor estavam ficando mais difíceis de entender, toquei no aparelho e tentei ajustar. O som voltou por alguns segundos e depois desapareceu novamente. Meu coração acelerou. Tentei mexer nele outra vez, mas não adiantou. O aparelho tinha parado.

Fiquei olhando para o palco. Os músicos continuavam tocando, mas eu já não conseguia ouvir como antes. Por alguns instantes, pensei que aquilo fosse acabar com o meu dia. Eu tinha esperado tanto por aquele concerto. Agora, sem o aparelho, só conseguia observar o palco.

Letícia percebeu minha frustração e começou a me mostrar o que acontecia. Laura fez o mesmo. Eu prestava atenção nos movimentos dos músicos, nas luzes, nas expressões da plateia e nas vibrações que conseguia sentir. Não era como eu tinha imaginado, mas ainda era uma experiência. Quando o concerto terminou, Letícia perguntou se eu tinha gostado.

— Gostei.

Na volta para casa, fiquei pensando naquele dia. Lembrei de Laura, de Teo e até do garoto que tentou falar comigo em libras. Nenhum deles tinha feito aquilo por mal. Eles apenas não sabiam. Talvez esse fosse o mais importante: as pessoas não precisavam saber tudo sobre mim. Precisavam apenas ter vontade de entender. Quando cheguei em casa, contei tudo para minha mãe.

— E mesmo sem o aparelho, você conseguiu aproveitar? – ela perguntou.

Sorri.

— Consegui. De outro jeito.

Naquela noite, percebi que meu aparelho era importante, mas não definia o que eu podia viver. Eu podia ouvir de diferentes formas. E, naquele dia, descobri que isso também era uma forma de participar.

Capítulo X

SONHADORA

Maria Eduarda Dias Fernandes

Eu serei rainha... bom, é o que a sucessão da minha linhagem condiz. Como serei tal se meus súditos me acham esquisita e incompreendida? Como posso mudar a visão deles? O que alimenta esse desejo se ele não condiz com meu povo? Terei que conceder novas regras em meu reinado, nas quais todos devem ficar calados em relação aos herdeiros? Parece muito esnobe da minha parte, mas como posso mudar isso? É uma raiva que habita em mim por não entender a mim mesma, por não saber quem eu sou e o porquê deste cargo tão grande em minhas costas...

Enfim, meu nome é Elena, sou herdeira do trono e serei rainha um dia. Não sei ao certo quando, mas já estou na fase de aprendizado real. Estou meio receosa com tudo isso, é assustador. Para aliviar meus medos, eu procuro a leitura; ler livros me acalma de uma forma que nenhum escritor no reino saberia explicar. Isso é o que me deixa muito confusa: queria entender por que sou assim, por que ninguém me entende... Apenas quero ficar no meu canto, apreciando minha paz que é coberta de dúvidas e medo.

Voltando à realidade, estou indo para meus deveres reais. Todos os dias tenho que fazer essa baboseira; para falar a verdade, já cansei. Lá está ele, o rei, o tão temido Robert, meu pai.

— Está atrasada, Elena – disse ele, cansado.

— Perdão, Vossa Graça. Eu estava lendo em meus aposentos.

Segui meu pai até a carruagem. Vocês devem estar se perguntando para onde estamos indo. Bom... vamos nos encontrar com os mestres. O rei achou de bom tom que me avaliassem para ver o que eu "tenho", o que acho totalmente estúpido, até porque não faz sentido: eu estou bem.

— Meu Rei.

— Minha Princesa – eles nos cumprimentaram.

Meu pai começou dizendo o tal "problema" que está afetando minha suces-

são:

— Grande mestre, ela sempre está no mundo da lua, lendo e toda vez querendo ficar sozinha. Eu já não compreendo; faz séculos que ela é assim, desde nova. Não acho que seja apenas a fase da adolescência. – Já vimos muitos casos sobre isso nesta cidade e do outro lado do oceano, relatados pelos historiadores, mas não sabemos o que seria exatamente isso: se é uma doença ou apenas um transtorno – disse o mestre, muito reflexivo sobre o assunto.

E eu fiquei totalmente calada, esperando o pior e torcendo para que aquilo acabasse logo.

— Diga, minha filha, o que você sente? – disse meu pai, todo preocupado.– Grande mestre, eu realmente nunca percebi esse meu jeito. Escutando de outra pessoa, consigo ver que realmente é algo bastante perceptível. Não queria que isso afetasse meu reinado um dia – disse com a voz trêmula.

— Meu Rei, irei descobrir essa causa, pode contar comigo – o mestre falou.

— Graças, mestre. O que precisar, mande uma carta, quer que isso se resolva rápido – meu pai disse com uma cara não muito boa.

Fiquei pensativa sobre aquilo: por que ele está tão preocupado com meu jeito? E por que isso afetaria meu reinado? Tantas perguntas... Voltamos para a Fortaleza e fui direto para meus aposentos, antes mesmo de meu pai fazer qualquer pergunta. Entrei e me deitei. Minhas damas de honra logo vieram à minha disposição, e eu pedi que se retirassem. Logo, apaguei...

Estava sentada no trono, tal qual eu tanto sonhava e suplicava, e as pessoas ao meu redor me olhavam com desprezo e desgosto. Eu apenas olhava para um ponto fixo, paralisada, escutando vozes ao fundo cuspindo insultos e palavrões... para mim? Logo, voltei do transe.

— Vossa Excelência, perdoe-me pelas palavras, mas a senhora é totalmente inapropriada para usar esse cargo tão grande! Uma rainha não age assim. Não queremos paz, QUEREMOS JUSTIÇA!

No exato momento, acordei atordoada e sem entender nada. Foi nesse exato instante que busquei entender os meus porquês...

Fui até a biblioteca da fortaleza, procurei vários livros que achei que teriam a resposta que eu tanto queria e levei todos aos meus aposentos. Desde esse dia, não parei mais de ler em nenhum segundo. Meu pai, o rei, estava prestes a me ordenar que parasse de ler. Fiquei meses tentando achar minhas respostas e, pessoal, acho que encontrei!

Com minhas dúvidas, ordenei que achassem pessoas que tivessem os mesmos "jeitos" que eu. Para ser sincera, nunca pensei que fossem tão poucas pessoas... Enfim, fiz alguns testes e, realmente, eles eram tão iguais a mim! Fiquei muito feliz em saber que minhas teorias estavam certas e que, mesmo sabendo que seria uma jornada difícil de enfrentar – com julgamentos e falta de sensibilidade –, não seria impossível.

Quando eu for rainha, colocarei novas regras e, nelas, haverá inclusão para pessoas que têm transtorno. Isso deve ser mudado! Já é difícil para mim, por ser uma mulher e ter um transtorno de grau leve (ainda estou aprendendo sobre os

graus). Parece ser complicado, mas não será. Meu sonho sempre foi ser uma rainha com esse meu jeito.

Capítulo XI

O MEU JEITO DE ENXERGAR O MUNDO

Kaylla de Paulo Viera

Meu nome é Sofia, tenho 16 anos e moro com minha mãe e meu irmão mais novo. Eu sou uma menina que gosta de conversar, ouvir música, sair com minhas amigas e, principalmente, tocar violão. Desde pequena, a música sempre foi uma das coisas que mais gostei de fazer. Eu também sou cega desde que nasci.

Às vezes, algumas pessoas acham que, por eu não enxergar, não consigo fazer as mesmas coisas que elas. Isso sempre me deixou um pouco chateada. Eu sei que existem coisas que são mais difíceis para mim, mas isso não significa que eu não consiga. Muitas vezes, só preciso encontrar um jeito diferente de fazer.

Na minha escola, eu sempre fui muito próxima da Júlia, minha melhor amiga. Ela nunca me tratou de um jeito diferente. Quando eu precisava de ajuda, ela perguntava antes de sair fazendo alguma coisa por mim.

Certo dia, durante a aula de música, a professora contou que aconteceria uma apresentação na escola.

— Quem quiser participar pode se inscrever – ela disse.

Na mesma hora, pensei em me apresentar. Eu adorava tocar violão e queria muito mostrar isso para as pessoas. Mas fiquei com medo.

No intervalo, contei para Júlia.

— Eu queria participar, mas não sei se vou conseguir.

— Claro que consegue, Sofia. Você toca violão desde criança!

— Mas e se eu errar? Todo mundo vai estar olhando para mim.

Ela riu.

— Todo mundo erra. Você só está com medo porque é importante para você.

Eu sabia que ela tinha razão. Mesmo assim, ainda tinha outra coisa me preocupando: o palco da escola ficava depois de alguns degraus e não tinha rampa. Contei isso para minha professora. Ela ficou surpresa, porque nunca tinha per-

cebido aquele problema. Nos dias seguintes, a direção da escola procurou uma solução. No final, colocaram uma rampa para que eu pudesse chegar ao palco com mais segurança.

Quando chegou o dia da apresentação, eu estava muito nervosa. Minha barriga parecia estar cheia de borboletas. Eu segurava meu violão e ficava pensando se tinha sido uma boa ideia me inscrever. Quando chamaram meu nome, respirei fundo e comecei a caminhar. Ouvi algumas pessoas conversando e outras batendo palmas. Quando cheguei ao palco, sentei e ajeitei o violão. Por alguns segundos, fiquei parada. Então ouvi a voz da Júlia no meio da plateia:

— Vai, Sofia

Aquilo me deu coragem. Comecei a tocar. No começo, minhas mãos estavam um pouco tremidas, mas depois fui ficando mais tranquila. Quando terminei, ouvi muitas palmas. Eu não sabia exatamente como estava a expressão das pessoas, mas conseguia sentir a alegria delas pela quantidade de aplausos. Naquele momento, fiquei muito feliz. Depois, minha professora veio falar comigo.

— Você foi muito bem, Sofia.

Eu sorri e respondi:

— Obrigada. Eu estava morrendo de medo.

Ela riu.

— E mesmo assim você foi.

Naquele dia, percebi uma coisa importante. Eu não precisava que as pessoas sentissem pena de mim ou fizessem tudo no meu lugar. O que eu precisava era de respeito, acessibilidade e oportunidade. A rampa, por exemplo, não fez a apresentação por mim. Ela apenas me permitiu chegar até o palco.

Depois daquele dia, continuei tocando violão e comecei a acreditar mais em mim. Ainda tenho medo de algumas coisas e ainda fico insegura, às vezes. Mas isso faz parte. Afinal, antes de ser uma pessoa cega, eu sou a Sofia: uma menina com sonhos, medos, defeitos, qualidades e muita vontade de viver minhas próprias experiências. Hoje, quando alguém pergunta como eu consigo fazer tantas coisas sem enxergar, eu penso que talvez a pergunta pudesse ser outra: “Por que não conseguiria?” Eu não enxergo o mundo da mesma forma que a maioria das pessoas, mas aprendi que cada pessoa tem seu próprio jeito de enxergar a vida. E esse é o meu.

Capítulo XII

O SOM QUE EU NÃO OUVIA

Kaylla Kemmilly Vieira Amorim

Eu nunca soube como era o silêncio. As pessoas costumam pensar que, por eu ser surda, vivo em um mundo completamente silencioso. Mas não é bem assim. Meu mundo é cheio de coisas que elas parecem não perceber: o movimento dos lábios, as expressões dos olhos, o tremor de uma porta quando alguém a fecha com força, as vibrações do chão quando alguém corre pelo corredor. Meu nome é Olívia, tenho dezessete anos e, desde os quatro, aprendi a enxergar aquilo que o mundo insiste em dizer que precisa ser ouvido.

Na escola, eu era conhecida como “a menina surda”. Não Olívia, a garota que passava horas lendo livros de romance e escrevendo histórias no fundo do caderno. Não Olívia, que tinha mania de observar tudo ao seu redor e transformar pequenos momentos em fotografias. Não Olívia, que tinha o sonho de ser fotógrafa. Era apenas a menina surda e eu odiava isso. Não porque tivesse vergonha da minha surdez. Eu odiava porque, para algumas pessoas, aquela parecia ser a primeira e a última coisa que existia sobre mim.

Minha família tinha uma pequena cafeteria no centro da cidade. O lugar não era grande, mas era aconchegante, com mesas de madeira, plantas perto das janelas e um cheiro de café que parecia ficar preso nas paredes. Eu cresci ali. Enquanto meus pais trabalhavam, eu ficava em uma mesa perto da janela, lendo ou escrevendo, e com o tempo comecei a levar minha câmera, fotografando o café sendo servido, a espuma, o bolo recém-saído do forno, a luz da tarde e até as mãos da minha mãe segurando uma xícara.

Meus pais diziam que eu tinha um jeito diferente de enxergar as coisas, e eu gostava quando diziam isso. Foi ali que comecei a fotografar de verdade, estudando iluminação, enquadramento e composição. Meu sonho era trabalhar com fotografia, conhecer lugares, pessoas e histórias, e guardar um pouco de tudo isso em uma imagem. Meu lugar preferido continuava sendo atrás da câmera.

Foi justamente ali que conheci Marcos. Era uma terça-feira chuvosa quando ele entrou na cafeteria. Eu estava perto da janela, fotografando uma xícara de chocolate quente, quando levantei os olhos e percebi que ele estava olhando

para mim. Apontou para a câmera, depois para a xícara. Eu entendi: ele queria saber se eu estava fotografando o chocolate. Balancei a cabeça e ele sorriu. Pediu algo ao meu pai no balcão e, minutos depois, sentou-se justamente na mesa que eu tinha fotografado.

Quando fui guardar minha câmera, ele chamou minha atenção: "Mais um chocolate quente, por favor." Eu sorri confusa e apontei para o cardápio. Ele perguntou o tamanho e ficou alguns segundos me olhando, até perceber. Pegou o celular e escreveu: "Desculpa, eu não sei Libras." Foi a primeira vez que alguém me disse aquilo sem pena. Respondi: "Eu também não sei falar inglês, mas a gente pode tentar." Ele riu e perguntou se eu conseguia ler os lábios. Escrevi que às vezes, mas que era melhor escrever mesmo. Ele digitou: "Então vou escrever." Foi simples, sem pena, sem aquele olhar estranho que eu já conhecia – e, naquele momento, eu ainda não sabia, mas aquela seria a primeira conversa de muitas que mudariam completamente a minha vida.

Nos dias seguintes, Marcos passou a aparecer sempre na cafeteria, escolhendo a mesa mais próxima da janela. Um dia chegou com um pequeno caderno e escreveu: "Oi, Olívia. Meu nome é Marcos." Eu ri e respondi que já sabia, pois ele já havia se apresentado na semana anterior. Foi assim que começamos a conversar – com papel, celular, gestos e, aos poucos, com Libras. Marcos errava quase todos os sinais no início; uma vez tentou fazer um sinal e acabou dizendo, sem querer, que gostava de batatas. Ele ficou vermelho e eu ri ainda mais. A partir daquele dia, batatas viraram uma piada entre nós. Marcos não aprendeu Libras por obrigação, mas porque queria conversar comigo, e isso significou muito mais do que ele imaginava.

Com o tempo, ele descobriu que meu maior sonho era ser fotógrafa. Certa tarde, mostrei algumas fotos no celular, e ele parou em uma delas: uma xícara de café perto da janela, com a luz do sol formando uma pequena sombra ao lado. Ele escreveu: "Parece que essa foto conta uma história." Eu sorri e respondi que era exatamente isso que eu queria fazer: contar histórias com fotografias. A partir daquele dia, Marcos começou a me incentivar, dizendo que eu tinha talento. Eu fingia acreditar, mas a verdade é que tinha medo – medo de tentar, de não conseguir, de que as pessoas enxergassem primeiro a garota surda, e não a fotógrafa.

Algumas semanas depois, a escola anunciou um concurso de fotografia com o tema "Meu lugar no mundo". Pensei imediatamente na cafeteria, na minha mãe, no meu pai, nas mesas e nas xícaras – naquela pequena parte do mundo que tinha sido minha casa por tantos anos – e decidi participar. Passei dias fotografando, mas nenhuma imagem parecia certa, até que, em uma tarde, vi minha mãe sentada sozinha perto da janela, segurando uma xícara de café e olhando para a rua, com a luz do fim da tarde iluminando metade do seu rosto. Peguei minha câmera e tirei a foto. Não era perfeita, mas era verdadeira: naquela fotografia estava tudo o que eu queria dizer – casa, amor, família, pertencimento.

No dia seguinte, contei a algumas amigas da escola que tinha decidido participar do concurso. Ana e Isabel perceberam e começaram a rir, fazendo sinais de qualquer jeito, exagerando os movimentos e me imitando. Ana mostrou no celular: "Você realmente acha que vai ganhar?" E Isabel completou: "Ela nem consegue ouvir. Como acha que vai ser fotógrafa?" Eu senti o rosto esquentar, não respondi e apenas fui embora. Naquele dia, nem peguei minha câmera na cafeteria; sentei perto da janela e fiquei olhando para a fotografia da minha mãe,

pensando, pela primeira vez, em desistir, pois talvez meu sonho fosse grande demais para mim.

Minha mãe percebeu que algo estava errado, sentou ao meu lado e perguntou em Libras o que tinha acontecido. Contei tudo. Ela segurou minha mão e disse: “Não deixe que outras pessoas decidam o tamanho do seu sonho ou quem você é por uma simples limitação.” Olhei novamente para a fotografia e entendi que aquele lugar não era definido pelo que Ana e Isabel pensavam de mim – era a minha família, a cafeteria, minha câmera, a minha história. No dia seguinte, entreguei a fotografia no concurso e tentei não pensar mais no resultado.

Na semana seguinte, vi um grupo de alunos reunido perto do mural, onde havia uma folha com o resultado. Meu coração disparou. Fui até lá, procurei meu nome e encontrei: 1º lugar – Olívia Milano. Fiquei alguns segundos olhando para aquela folha, sem saber se ria ou chorava, mas muito feliz. Marcos foi uma das primeiras pessoas para quem contei, e ele respondeu com um vídeo tentando dizer em Libras: “Parabéns, fotógrafa.” O sinal ainda estava um pouco errado, mas, dessa vez, eu entendi perfeitamente.

Quando voltei para a cafeteria, meu pai tinha colocado a fotografia em uma moldura, pendurada na parede. Era apenas uma imagem da minha mãe tomando café perto da janela, mas, para mim, era muito mais: era onde eu tinha crescido, aprendido a observar e descoberto meu sonho. Naquele momento, percebi que Ana e Isabel estavam erradas – eu não precisava ouvir o mundo para encontrar o meu lugar nele. Só precisava continuar enxergando aquilo que sempre esteve diante dos meus olhos: minha história, minha família, meu sonho e, principalmente, quem eu era.

Eu nunca soube como era o silêncio. Mas aprendi a encontrar beleza em tudo aquilo que o mundo fazia barulho demais para perceber, e entendi que algumas histórias não precisam de som para serem ouvidas.

Capítulo XIII

QUANDO MINHAS MÃOS COMEÇARAM A FALAR

Maria Clara Machado da Silva Sousa

Meu nome é Gabriel, tenho 16 anos e moro em uma cidade pequena, onde quase todo mundo se conhece. Sou um garoto curioso, gosto de desenhar, assistir a filmes e passar o intervalo conversando com meus amigos. Também gosto muito de teatro. Desde pequeno, sempre achei interessante a maneira como uma história pode fazer as pessoas sentirem coisas sem precisar explicar tudo.

— Eu sou surdo.

Para algumas pessoas, essa é a primeira coisa que percebem sobre mim. Para mim, porém, é apenas uma parte de quem eu sou. Eu me comunico principalmente por Libras e, com meus amigos mais próximos, a comunicação acontece de forma tão natural que, às vezes, até esquecemos que fazemos isso de maneiras diferentes.

Na escola, minha melhor amiga era Júlia. Ela não sabia Libras perfeitamente, mas estava sempre tentando aprender. No começo, errava alguns sinais e nós dois acabávamos rindo.

— Um dia, eu ainda vou conseguir conversar com você sem precisar perguntar toda hora o que você está falando — ela dizia.

Eu respondia em Libras, sorrindo:

— Eu espero que sim.

Certo dia, a professora de Português entrou na sala anunciando uma novidade.

— No próximo mês, teremos uma apresentação cultural. Cada turma deverá preparar uma peça de teatro. Meu coração bateu mais forte. Teatro era uma das coisas que eu mais gostava. Na mesma hora, pensei que finalmente teria a oportunidade de participar de algo que realmente me interessava. Depois da aula, procurei a professora.

— Eu quero participar da peça.

Júlia traduziu para ela. A professora sorriu.

— Claro, Gabriel. Vamos encontrar um personagem para você.

Durante as primeiras semanas, tudo parecia estar dando certo. Escolhemos uma história, dividimos os personagens e começamos os ensaios. Eu receberia um papel importante e teria algumas falas em Libras, enquanto outro aluno faria a tradução para o público.

— Eu estava feliz.

Até que percebemos um problema. A apresentação seria realizada no auditório da escola, mas ninguém havia pensado em como eu acompanharia as orientações durante o espetáculo. Durante os ensaios, muitas vezes as pessoas falavam de costas para mim ou davam instruções enquanto eu estava olhando para outro lado.

Certa tarde, durante um ensaio, a professora explicou uma mudança no final da peça. Eu não percebi e continuei seguindo o roteiro antigo.

Quando terminei minha parte, um colega reclamou:

— Gabriel, você fez errado de novo.

Eu fiquei parado. Júlia tentou explicar:

— Ele não sabia da mudança. Ninguém avisou.

O garoto respondeu:

— Mas é difícil ensaiar assim. Aquelas palavras me incomodaram.

Não porque ele tivesse dificuldade em ensaiar comigo, mas porque, naquele momento, parecia que o problema era a minha surdez. Naquele dia, voltei para casa triste. Fiquei pensando se deveria desistir da peça. Talvez fosse mais fácil para todos se eu simplesmente não participasse. Minha mãe percebeu que eu estava diferente.

— O que aconteceu?

Contei tudo para ela. Ela ficou em silêncio por alguns segundos e depois disse:

— Filho, você não precisa provar que é igual a ninguém. Mas também não precisa aceitar que te tirem uma oportunidade por não pensarem em acessibilidade. As palavras dela ficaram na minha cabeça. No dia seguinte, decidi conversar com a professora e com a direção. Expliquei que não queria privilégios. Eu só precisava que as informações fossem acessíveis para mim. Poderiam usar sinais, mensagens escritas, cartazes ou combinar os momentos dos ensaios com antecedência. A professora ouviu tudo atentamente.

— Gabriel, você tem razão. Nós estávamos tentando incluir você na peça, mas não estávamos pensando em todas as formas necessárias para que você realmente participasse. A partir daquele dia, os ensaios mudaram. As orientações passaram a ser escritas no quadro. A professora aprendeu alguns sinais básicos. Júlia ajudava na comunicação, mas sem precisar fazer tudo por mim. Os outros alunos também começaram a aprender algumas palavras em Libras. O mais bonito foi perceber que eles não estavam fazendo aquilo por pena. Estavam fazendo porque queriam que eu estivesse ali junto com eles. Finalmente chegou o dia da apresentação.

O auditório estava cheio. Eu conseguia ver meus colegas, professores e familiares sentados na plateia. Minhas mãos estavam frias de nervosismo.

Antes de entrar no palco, Júlia se aproximou.

— Está com medo?

Fiz que sim com a cabeça.

Ela sorriu.

— Eu também.

Começamos a rir. Quando as cortinas se abriram, respirei fundo. A apresentação começou. Eu sabia que muitas pessoas na plateia talvez nunca tivessem visto uma peça em Libras. No início, fiquei preocupado com os olhares. Algumas pessoas pareciam confusas, tentando entender meus movimentos. Mas continuei. Minhas mãos se movimentavam enquanto meu coração parecia acompanhar cada sinal. Chegou, então, a cena final, que era a mais importante da peça. Meu personagem precisava transmitir uma mensagem sobre respeito às diferenças. Olhei para a plateia e, pela primeira vez naquela noite, não senti vergonha nem medo. Senti orgulho. Quando terminamos, houve alguns segundos de silêncio. Depois, começaram os aplausos.

Eu não conseguia ouvir o som, mas conseguia enxergar as mãos das pessoas se movimentando. Algumas pessoas na plateia estavam fazendo o sinal de aplauso em Libras, balançando as mãos no ar. Aquilo foi uma das coisas mais bonitas que já vi. Júlia veio até mim e me abraçou. A professora estava emocionada.

— Você foi incrível, Gabriel. Eu sorri.

Naquele momento, percebi que a apresentação não tinha sido apenas uma peça de teatro. Nós tínhamos mostrado que inclusão não é simplesmente colocar uma pessoa diferente dentro de um grupo. É fazer com que ela tenha condições de participar, se expressar e ser respeitada.

Depois daquele dia, a escola começou a oferecer mais atividades acessíveis e alguns alunos continuaram aprendendo Libras.

Eu também continuei no teatro.

Ainda encontro pessoas que não sabem como falar comigo ou que acham que minha surdez me impede de fazer certas coisas. Mas agora eu sei que não preciso deixar que a falta de conhecimento dos outros limites os meus sonhos. Aprendi que nem sempre precisamos ouvir para entender uma mensagem. Às vezes, basta olhar.

Capítulo XIV

O SOM QUE EU APRENDI A SENTIR

Victor Manoel Batista Mourão

Meu nome é Leonardo, tenho 18 anos e sou surdo desde que nasci. Muitas pessoas pensam que, por eu não ouvir, vivo em silêncio. Mas o meu mundo nunca foi vazio. Eu enxergo sons nas vibrações, nos movimentos, nos olhares e, principalmente, na música que sinto através da minha gaita. Meu maior sonho sempre foi tocar diante de outras pessoas e mostrar que a música também pode ser sentida pelo coração.

Eu estudava no terceiro ano do ensino médio e adorava participar das atividades da escola. Meus colegas já haviam aprendido alguns sinais em Libras para conversar comigo, mas nem todos conseguiam se comunicar. Às vezes, eu me sentia isolado durante as conversas, principalmente quando todos riam de uma piada e eu não entendia o motivo. Eu sorria apenas para não parecer diferente, mas por dentro desejava participar de verdade.

Certa manhã, a professora entrou na sala com um sorriso enorme e escreveu no quadro que faríamos uma viagem para a praia. Todos comemoraram imediatamente. Eu vi a animação dos meus amigos, as mãos levantadas e as mochilas sendo imaginadas antes mesmo da viagem acontecer. A professora também explicou que, durante o passeio, haveria uma apresentação de talentos organizada pela escola. Naquele instante, meu coração acelerou. Era exatamente a oportunidade que eu sempre esperei.

Quando cheguei em casa, peguei minha gaita e comecei a praticar. Eu colocava a mão sobre a madeira da mesa para sentir as vibrações das notas e observava atentamente o ritmo marcado por um aplicativo que transformava o compasso em luzes. Eu treinava durante horas imaginando as pessoas aplaudindo, mesmo sem poder ouvir esse aplauso.

Finalmente chegou o dia da viagem. O ônibus estava cheio de conversas, músicas e brincadeiras. Eu não ouvia nada, mas observava meus amigos cantando, batendo palmas e sorrindo. A paisagem pela janela era linda: árvores, estradas, o céu azul e, depois de algum tempo, o brilho intenso do mar apareceu no horizonte. Meu peito se encheu de alegria.

Assim que descemos, corri até a areia. Tirei os tênis e senti os grãos quentes sob meus pés. A água fria tocou minhas pernas, e as ondas produziam vibrações tão fortes que eu conseguia percebê-las pelo corpo inteiro. Era como se o oceano falasse comigo em uma língua que não precisava de sons.

Durante a tarde, a escola montou um pequeno palco próximo ao quiosque. Os alunos começaram a cantar, dançar e contar histórias. Quando a professora fez o sinal de que era minha vez, minhas mãos começaram a tremer. Ao subir no palco, percebi algumas pessoas cochichando e olhando para minha gaita. Eu consegui entender pelos lábios de um garoto a pergunta que mais machucava: “Como um surdo vai tocar música?”

Por alguns segundos, pensei em desistir. Segurei a gaita com força e olhei para a professora. Ela sorriu, fez o sinal de “você consegue” em Libras e apontou para meus amigos. Todos estavam na primeira fila repetindo o mesmo sinal. Naquele momento, deixei o medo para trás.

Fechei os olhos e comecei a tocar. Eu não ouvia as notas, mas sentia cada vibração passando pelos meus dedos e pelo meu peito. O vento da praia acompanhava o movimento da melodia, e eu tocava exatamente como havia ensaiado. Quando terminei, vi dezenas de pessoas de pé. As mãos estavam erguidas e balançavam no ar, o aplauso silencioso usado pela comunidade surda. Foi a imagem mais bonita que já vi.

Na volta para casa, percebi que meu maior obstáculo nunca foi a surdez. A dificuldade estava no preconceito e na falta de comunicação entre as pessoas. Naquele dia, descobri que meu sonho não dependia de ouvir a música, mas de acreditar que eu era capaz de compartilhá-la com o mundo.

Desde então, sempre que seguro minha gaita, lembro-me das ondas do mar e das mãos balançando para mim. Foi ali que entendi que a verdadeira música não entra apenas pelos ouvidos: ela também pode ser sentida pela alma.

Capítulo XV

O SOM QUE FICOU

Jesarela Olita Veras Pereira

Meu nome é Helena, tenho dezessete anos e sou surda desde que nasci. Sempre fui muito curiosa e gostava de observar as pessoas. Talvez por isso eu amasse tanto a fotografia. Para mim, uma imagem conseguia contar histórias sem precisar de som.

Na escola, eu fazia parte do clube de fotografia com meus amigos, Pedro e Luísa. Certo dia, nossa professora anunciou um concurso com o tema “Vozes da Minha Cidade”. Eu logo quis participar.

Durante duas semanas, saímos pela cidade fotografando pessoas e momentos do cotidiano. Até que encontrei uma garota em uma parada de ônibus segurando um cartaz que dizia: “Eu também tenho uma voz.” Pedi para fotografá-la, e ela aceitou. Aquela fotografia me deu uma ideia. Eu colocaria, ao lado de cada imagem, um pequeno texto contando a história das pessoas fotografadas. No final, escreveria: “Quantas vozes passam por você todos os dias sem serem ouvidas?” Quando contei a ideia para a comissão do concurso, um dos organizadores perguntou: — Helena, você tem certeza de que vai conseguir apresentar isso? Fiquei incomodada. Não era a primeira vez que alguém duvidava de mim por causa da minha surdez. — Consigo. Só preciso que a apresentação tenha acessibilidade — respondi. Ele disse que aquilo poderia ser complicado. Eu apenas perguntei: — Para quem? Nos dias seguintes, preparei tudo com Pedro e Luísa. Planejamos uma apresentação com Libras e legendas. Porém, na noite anterior ao evento, Pedro me mandou uma mensagem: “Disseram que não vai ter intérprete amanhã.” Fiquei triste. Pensei em deixar meus amigos apresentarem por mim, mas percebi que não queria fazer aquilo. Eu havia preparado tudo e queria contar aquelas histórias.

No dia da exposição, o salão estava cheio. Realmente não havia intérprete. Olhei para minhas fotografias e respirei fundo. Peguei meu celular e escrevi: “Eu posso não ouvir vocês, mas isso nunca significou que eu não tivesse algo para dizer.” Mostrei para a professora e fui até a frente da sala. Pedro ficou responsável por mostrar minhas falas e Luísa pelas fotografias. Comecei a apresentação. Con-

tei a história de cada pessoa fotografada. Falei sobre seus sonhos, dificuldades e pequenas conquistas. Quando chegou a última imagem, mostrei uma fotografia minha diante de um espelho, segurando minha câmera. Abaixo dela estava escrito: “Nem toda voz precisa ser ouvida para ser escutada”. Quando terminei, o salão ficou em silêncio por alguns segundos. Depois, as pessoas começaram a aplaudir. Eu não conseguia ouvir os aplausos, mas conseguia vê-los. O organizador que havia questionado minha participação veio falar comigo. — Eu estava errado. Achei que a acessibilidade seria uma dificuldade, mas percebi que era justamente o que estava faltando.

Naquele dia, não ganhei o primeiro lugar no concurso. Mas aprendi algo muito mais importante: eu nunca precisei superar a minha surdez para realizar meus sonhos. O que precisava ser superado era a ideia de que uma pessoa com deficiência tem menos capacidade, menos sonhos ou menos coisas para dizer. Quando saí do salão, encontrei a garota da fotografia. Ela apontou para a imagem e perguntou, em Libras: — Você contou minha história? Sorri e respondi: — Contei. E naquele momento, percebi que inclusão não é dar espaço para alguém por bondade. É entender que aquele espaço também pertence a essa pessoa.

Capítulo XVI

ANA CECÍLIA E O JARDIM DOS SONHOS

Ana Karoliny Teixeira Mauriz

Ana Cecília era uma menina de nove anos, alegre, curiosa e muito criativa. Ela adorava desenhar, brincar de boneca e ouvir histórias antes de dormir. Todos os dias, ia para a escola acompanhada de sua mãe, sempre levando consigo uma mochila cheia de lápis de cor.

Ana Cecília usava uma cadeira de rodas. Para ela, a cadeira fazia parte de sua rotina e ajudava a chegar aos lugares que queria. Porém, nem todos os lugares eram preparados para recebê-la.

Certo dia, a professora contou para a turma que a escola faria uma atividade diferente. Cada aluno deveria plantar uma flor no jardim da escola e cuidar dela durante o ano.

Ana Cecília ficou muito animada.

— Eu quero plantar uma flor bem colorida! — disse ela, sorrindo.

No dia da atividade, todos os alunos foram para o jardim. Ana Cecília tentou acompanhar os colegas, mas percebeu que o caminho tinha pedras e era difícil passar com a cadeira de rodas.

Ela parou e ficou olhando seus amigos plantarem as flores.

— Você não vai plantar a sua? — perguntou seu colega Miguel.

Ana Cecília abaixou a cabeça.

— Quero, mas não consigo chegar até lá.

Miguel percebeu que o problema não era Ana Cecília. O problema era o caminho que não permitia que ela chegasse ao jardim. Ele chamou a professora e explicou o que estava acontecendo. A professora ficou preocupada e pediu ajuda à direção.

Naquele dia, a atividade terminou de uma maneira diferente. A professora levou Ana Cecília para um espaço onde ela pudesse plantar sua flor com segurança. Ela escolheu uma pequena flor amarela.

— Vou cuidar dela todos os dias — prometeu. Depois da atividade, Ana Cecília teve uma ideia.

— Professora, por que a escola não faz um caminho para que todos possam chegar ao jardim? A professora achou a ideia maravilhosa.

Nos dias seguintes, os alunos fizeram cartazes pedindo um jardim acessível. Eles escreveram frases sobre respeito, amizade e inclusão. Ana Cecília também fez um desenho mostrando como gostaria que fosse o novo caminho.

Algumas semanas depois, a escola construiu uma passagem adequada até o jardim.

Quando ficou pronta, Ana Cecília foi a primeira criança a passar por ela. Seus amigos foram atrás, comemorando.

— Agora todo mundo pode vir! — disse Ana Cecília.

Ela olhou para sua flor amarela, que já começava a crescer, e ficou feliz.

Com o tempo, o jardim ficou cheio de flores. Cada criança tinha plantado uma diferente, e todas cresceram juntas, cada uma com sua cor e seu jeito.

Ana Cecília percebeu que o jardim era parecido com a própria escola: cada pessoa era diferente, mas todas mereciam o mesmo espaço para crescer e participar.

A partir daquele dia, Ana Cecília passou a ensinar aos colegas que inclusão não significava tratar alguém como diferente, mas garantir que todos tivessem as mesmas oportunidades. E sempre que alguém perguntava qual era sua flor favorita, ela respondia:

— A minha. Porque eu plantei, cuidei dela e vi como ela conseguiu crescer quando encontrou o caminho certo.

Ana Cecília continuou brincando, estudando e sonhando. E, todas as manhãs, quando passava pelo jardim com sua cadeira de rodas, sorria ao ver sua pequena flor amarela. Ela sabia que ainda existiam muitos caminhos para melhorar, mas também sabia que, quando as pessoas se uniam, podiam transformar qualquer obstáculo em uma nova oportunidade.

Capítulo XVII

UM JEITO DIFERENTE DE ENXERGAR

Aycon Júnior Dias de Brito Borges

Era uma vez um menino chamado Lucas. Eu tinha 16 anos e morava com minha mãe em uma cidade pequena. Desde pequeno, eu usava uma cadeira de rodas por causa de um acidente que aconteceu quando ainda era criança.

Eu era um menino alegre, gostava muito de estudar, jogar videogame e conversar com meus amigos. Mas, mesmo sendo alegre, havia dias em que eu me sentia muito triste. Eu não gostava quando as pessoas ficavam olhando para mim ou fazendo perguntas sobre minha cadeira de rodas.

Na escola, algumas pessoas faziam piadas e riam de mim. Eu fingia que não ligava, mas, por dentro, ficava muito magoado. Quando chegava em casa, às vezes, entrava no quarto e chorava escondido para minha mãe não perceber.

Minha mãe sempre dizia:

— Filho, você é forte. Nunca deixe que as palavras das outras pessoas façam você esquecer o quanto você é especial. Eu abraçava minha mãe e tentava sorrir, mesmo com os olhos cheios de lágrimas.

Um dia, quando cheguei à escola, percebi que havia uma escada nova na entrada da sala. Tentei passar sozinho, mas não consegui. Fiquei parado olhando para a escada, sentindo uma mistura de raiva, tristeza e vergonha.

Alguns alunos começaram a olhar e cochichar. Abaixe a cabeça e pensei em ir embora.

Foi quando um colega chamado Pedro viu a situação. Ele correu para me ajudar.

— Calma, Lucas, eu vou te ajudar — disse Pedro.

Olhei para ele e respondi:

— Obrigado... eu só queria conseguir fazer as coisas sem precisar sempre de ajuda.

Pedro ficou alguns segundos em silêncio. Ele percebeu que eu não queria

pena, queria apenas ter as mesmas oportunidades que os outros.

Depois daquele dia, nós dois ficamos muito amigos. Pedro começou a conversar com os outros alunos sobre o que eu sentia. Aos poucos, alguns começaram a mudar seu jeito de agir.

Eu também comecei a me sentir mais confiante. Voltei a participar das atividades da escola e até entrei em uma competição de jogos.

No dia da competição, eu estava muito nervoso. Minhas mãos tremiam e eu pensava que poderia perder. Pedro colocou a mão em meu ombro e falou:

— Não importa se você ganhar ou perder. Eu já tenho orgulho de você.

Sorri, emocionado. Pela primeira vez em muito tempo, senti que não estava sozinho.

No final, ganhei a competição. Quando anunciaram meu nome, fiquei emocionado e meus olhos se encheram de lágrimas. Olhei para Pedro e depois para minha mãe, que estava na plateia chorando de felicidade.

Então falei:

— Eu não preciso que tenham pena de mim. Eu só preciso que me respeitem e me deem as mesmas oportunidades. Todos aplaudiram.

Naquele momento, entendi que minha deficiência fazia parte de quem eu era, mas não definia meus sonhos, minha inteligência ou meu coração.

Eu ainda teria muitas dificuldades pela frente, mas agora sabia que podia enfrentá-las. E, principalmente, descobri que algumas pessoas estavam dispostas a caminhar ao meu lado.

Na semana seguinte, Pedro teve uma ideia. Ele sugeriu que fizéssemos uma reunião com a diretora e os professores para falar sobre acessibilidade na escola. No começo, fiquei inseguro. Eu tinha medo de que ninguém levasse minhas palavras a sério, mas Pedro insistiu:

— Se você não contar o que está sentindo, talvez as pessoas nunca percebam o que precisa mudar. Respirei fundo e aceitei.

Na reunião, expliquei que a escada não era apenas um obstáculo para mim. Ela também mostrava como a escola ainda não estava preparada para receber todos os alunos. Falei sobre a falta de rampas, os corredores apertados e os banheiros que eu não conseguia usar sozinho.

A diretora ouviu com atenção e prometeu procurar soluções. Alguns professores também deram sugestões. Um deles propôs organizar uma campanha de conscientização com cartazes, palestras e atividades para os alunos.

Durante as semanas seguintes, todos começaram a colaborar. A escola instalou uma rampa na entrada da sala, adaptou o banheiro e criou um espaço para que os estudantes pudessem conversar sobre respeito e inclusão.

Até mesmo alguns alunos que antes faziam piadas vieram falar comigo.

— Lucas, desculpa pelo que eu fiz — disse um deles, com a cabeça baixa. — Eu não entendia como você se sentia.

Eu fiquei em silêncio por alguns segundos. Ainda estava magoado, mas percebi que ele realmente parecia arrependido. — Tudo bem — respondi. — Só espe-

ro que você pense antes de rir de alguém novamente.

A partir daquele momento, as coisas começaram a mudar. Eu não esperava que todos se tornassem meus amigos, mas queria ser tratado com respeito. E isso, aos poucos, aconteceu.

Certo dia, a professora de português pediu que cada aluno escrevesse sobre um desafio que havia enfrentado. Eu contei minha história e li o texto para a turma. Quando terminei, a sala ficou em silêncio. Depois, uma colega levantou a mão e disse:

— Lucas, você me ensinou que muitas vezes enxergamos apenas as dificuldades de uma pessoa e esquecemos de ver tudo o que ela é capaz de fazer. Aquelas palavras ficaram guardadas em meu coração.

Com o tempo, comecei a ajudar outros alunos que também se sentiam diferentes ou excluídos. Descobri que minha experiência podia servir para mostrar aos outros que ninguém deveria ser definido por uma aparência, uma deficiência ou qualquer outra característica.

Meses depois, a escola organizou uma feira sobre inclusão. Eu e Pedro fomos convidados a falar para os pais e para os estudantes. Antes de subir ao palco, senti o mesmo nervosismo da competição, mas dessa vez não pensei em desistir.

Quando peguei o microfone, olhei para minha mãe na plateia e comecei:

— Durante muito tempo, achei que precisava provar que era igual a todo mundo. Hoje entendo que não preciso ser igual. Só preciso ter o direito de participar, aprender, sonhar e ser respeitado como qualquer outra pessoa. Todos ficaram atentos. No final, receberam minhas palavras com muitos aplausos.

Naquele dia, percebi que minha voz também podia abrir caminhos. A rampa construída na escola era importante, mas a mudança mais importante havia acontecido dentro das pessoas. Elas começaram a enxergar além da cadeira de rodas e a perceber o menino que existia ali: alguém com sonhos, medos, talentos e vontade de viver.

Eu ainda teria muitas dificuldades pela frente, mas agora sabia que podia enfrentá-las. E, principalmente, descobri que algumas pessoas estavam dispostas a caminhar ao meu lado.

Também aprendi que pedir ajuda não me tornava fraco. Às vezes, aceitar a ajuda de alguém era apenas uma forma de continuar seguindo em frente. E, quando eu podia, também ajudava os outros.

Desde então, sempre que encontrava um obstáculo, eu tentava não pensar apenas no que não conseguia fazer. Procurava uma maneira diferente de alcançar meu objetivo. Afinal, nem sempre era preciso mudar quem eu era. Muitas vezes, era o mundo ao meu redor que precisava aprender a mudar.

Capítulo XVIII

ALÉM DAS BARREIRAS

Hallysson Juann da Silva Jesus

Meu nome é Lucas, tenho dezessete anos e moro com minha mãe e minha irmã em uma pequena cidade do interior. Nasci com deficiência visual e, desde criança, aprendi a perceber o mundo de outras maneiras. Não consigo enxergar as cores, os rostos ou as paisagens como muitas pessoas, mas reconheço os lugares pelos sons, pelos cheiros, pelas vozes e pelas histórias que guardam. Sou curioso, gosto de conversar, estudo bastante e, acima de tudo, sou apaixonado por música.

Meu maior sonho era participar do festival cultural da escola tocando violão. Passava horas treinando em casa, repetindo os acordes até que meus dedos ficassem cansados. Minha mãe costumava dizer que, quando eu tocava, parecia contar uma história sem precisar de palavras. Essas palavras me davam coragem, principalmente quando eu pensava nas dificuldades que poderia encontrar.

Naquele ano, a escola anunciou um grande festival para o final do semestre, com apresentações de dança, teatro, poesia e música. Decidi me inscrever. Fui até a coordenação acompanhado de minha amiga Júlia e disse que queria participar da apresentação de violão. Dona Marta, a coordenadora, ficou preocupada ao lembrar que o palco tinha degraus e que parte dos ensaios aconteceria no segundo andar.

— Você tem certeza, Lucas? — perguntou ela. — O acesso pode ser complicado.

A pergunta não foi feita por maldade, mas me incomodou porque parecia que minha deficiência tinha chegado antes de mim.

— Tenho certeza — respondi. — Se existe uma dificuldade, podemos procurar uma solução.

Júlia concordou e acrescentou que eu precisava de acessibilidade e autonomia, não que alguém fizesse a apresentação em meu lugar. Dona Marta ouviu com atenção e prometeu conversar com a direção.

Os ensaios começaram e conheci Rafael, que tocaria bateria, e Ana, respon-

sável pelos vocais. Os dois me receberam muito bem. Em um dos primeiros encontros, porém, Pedro, outro aluno, perguntou como eu sabia se estava tocando as cordas certas sem enxergá-las. Expliquei que havia aprendido a reconhecer cada posição pelo tato e pela memória, treinando até que os movimentos se tornassem naturais. Ele pareceu surpreso e admitiu que nunca tinha pensado daquela maneira. Para mim, aquele diálogo mostrou que muitas vezes o preconceito nasce mais da falta de conhecimento do que de uma intenção consciente de machucar.

A maior dificuldade continuava sendo a estrutura da escola. Para chegar à sala dos ensaios, eu precisava enfrentar uma escada estreita e sem boas condições de segurança. Em alguns momentos, precisava pedir orientação, o que me deixava frustrado, pois queria circular com autonomia. Certa tarde, depois de uma situação especialmente difícil, fiquei no corredor pensando em desistir.

Júlia percebeu meu silêncio e perguntou se eu ainda queria participar. Confessei que estava cansado de encontrar barreiras sempre que tentava realizar alguma coisa que gostava.

— Então não desista por causa da barreira — ela respondeu. — Vamos fazer a escola perceber que ela pode ser mudada.

Aquelas palavras me deram coragem. Conversei com a coordenação e com o diretor, expliquei as dificuldades que enfrentava e sugeri mudanças simples, como melhorar a organização dos corredores, colocar sinalização adequada e garantir um acesso mais seguro ao palco. Para minha surpresa, a direção decidiu ouvir outros estudantes e professores. Durante as semanas seguintes, a comunidade escolar colaborou para tornar os espaços mais acessíveis e também começou a discutir atitudes de respeito e inclusão.

Quando finalmente chegou o dia do festival, eu estava nos bastidores segurando o violão e ouvindo o movimento do público. Meu coração estava acelerado. Ana percebeu meu nervosismo e perguntou se eu tinha medo de errar. Respondi que meu maior receio era ser visto apenas pela deficiência, como se todo o resto da minha personalidade desaparecesse por causa dela.

Ela sorriu e disse: “Então toque para que eles conheçam o Lucas.”

Chamaram nosso grupo ao palco. Pela primeira vez, consegui chegar até lá com autonomia, graças às mudanças realizadas pela escola. Sentei, respirei profundamente e comecei a tocar. No início, minhas mãos estavam tensas, mas logo a música tomou conta de mim. Quando Ana começou a cantar e Rafael entrou com a bateria, o nervosismo desapareceu. Naquele momento, eu não estava tentando provar que era capaz de alguma coisa; estava simplesmente fazendo aquilo que amava.

Ao final da apresentação, o ginásio explodiu em aplausos. Eu não podia ver as pessoas de pé, mas consegui sentir a emoção no som que vinha da plateia. Quando saímos do palco, Pedro se aproximou e me contou que havia entendido algo importante: inclusão não significa fazer tudo por uma pessoa com deficiência, mas garantir que ela tenha condições de participar, escolher e mostrar seus próprios talentos.

Na semana seguinte, a escola criou um projeto chamado “Além das Barreiras”, inspirado nas mudanças feitas para o festival. O objetivo era ouvir os estudantes e identificar problemas de acessibilidade e inclusão. Passei a participar

das reuniões e descobri que outros colegas também enfrentavam obstáculos, alguns visíveis e outros que quase ninguém percebia.

Foi nesse período que compreendi que minha deficiência fazia parte de quem eu era, mas não definia toda a minha identidade. Eu também era filho, irmão, amigo, estudante, músico e alguém cheio de sonhos. Minha maior conquista não tinha sido apenas subir ao palco, mas perceber que eu não precisava diminuir minhas expectativas para caber nos limites que outras pessoas imaginavam para mim.

Ao voltar para casa depois de uma das reuniões, caminhei com meu violão nas costas enquanto escutava os sons da cidade. Pensei em tudo o que havia acontecido e entendi que as barreiras podem ser transformadas quando as pessoas estão dispostas a ouvir, respeitar e agir. A verdadeira inclusão não está em sentir pena ou tratar alguém como incapaz, mas em reconhecer sua dignidade, respeitar suas escolhas e construir oportunidades para todos.

Naquele dia, tive a certeza de que meu futuro não seria definido pelas barreiras que encontrei pelo caminho. Eu ajudaria a construir novos caminhos, não apenas para mim, mas também para aqueles que ainda esperavam por uma oportunidade de mostrar quem realmente eram.

Capítulo XIX

ANTES DE AJUDAR, PERGUNTE

Davi Kauã Apolinário de Souza

Meu nome é Miguel, tenho trinta e oito anos e trabalho na biblioteca de uma escola há sete. Quando digo que sou bibliotecário, algumas pessoas fazem uma pausa antes de responder. Quase sempre sei o que estão pensando. Afinal, sou cego. Para muita gente, uma biblioteca parece ser um lugar feito apenas de coisas que precisam ser vistas: estantes, etiquetas, capas, páginas. Para mim, porém, aquele espaço sempre foi feito principalmente de histórias.

Perdi a visão ainda jovem. Com o tempo, aprendi outras formas de realizar atividades que antes dependiam dos meus olhos. Uso leitor de tela no computador e no celular, identifico muitos livros por etiquetas acessíveis e conheço a biblioteca pela organização do espaço. Minha bengala me acompanha pelos corredores e, depois de tantos anos trabalhando ali, reconheço facilmente a distância entre o balcão, as mesas e as estantes. Também reconheço muitos alunos pela voz. Alguns ficam impressionados com isso. Eu costumo brincar que eles é que deveriam falar menos alto.

Ser cego nunca significou que eu não precisasse de ajuda. Todo mundo precisa em algum momento. O que me incomodava era outra coisa: algumas pessoas acreditavam que, por enxergarem minha deficiência, sabiam automaticamente do que eu precisava. Já aconteceu de alguém me segurar pelo braço e começar a me conduzir sem dizer uma palavra. Outras vezes, falavam com a pessoa que estava ao meu lado em vez de falar comigo.

— Ele quer sentar aqui?

E eu respondia:

— Ele quer, sim. E ele também consegue responder sozinho.

Normalmente, vinha um pedido de desculpas, seguido de um silêncio constrangido. Eu sabia que, na maioria das vezes, não havia maldade. Havia pressa em ajudar. E foi justamente essa pressa que provocou uma das situações mais difíceis que vivi na escola.

Era uma quarta-feira de manhã. A biblioteca estava cheia porque uma turma

preparava uma exposição de leitura. Havia cartazes, caixas de livros e materiais espalhados pelas mesas. Eu havia combinado com os estudantes que o corredor central deveria permanecer livre. Não era uma regra apenas para mim: qualquer pessoa precisava circular por ali com segurança.

No início da manhã, caminhei várias vezes entre o balcão e uma das estantes. Minha bengala tocava o chão à frente, reconhecendo o caminho que eu conhecia quase de memória. Júlia, uma aluna do segundo ano, organizava caixas perto de uma mesa. Ela era prestativa e estava sempre tentando resolver tudo antes que alguém pedisse. Pouco antes do intervalo, ouvi duas estudantes conversando perto da entrada.

— Como ele sabe onde está tudo? — uma perguntou baixinho.

— Ele já deve ter decorado — respondeu a outra.

Sorri. Elas estavam certas em parte. Memória ajudava. Mas orientação não era um truque de mágica. Eu utilizava referências, organização e minha bengala. Principalmente, precisava que as pessoas não transformassem o ambiente sem me avisar.

Depois do intervalo, voltei ao balcão para buscar alguns materiais. Enquanto eu estava longe, Júlia percebeu uma caixa no corredor e decidiu "arrumar" o espaço. Em vez de perguntar onde deveria colocá-la, empurrou uma pequena mesa para outro ponto, deixando-a parcialmente no caminho que eu costumava usar. Para ela, havia feito uma boa ação: tirara uma caixa do meio e encontrara um lugar para a mesa. Eu não sabia que o caminho havia mudado.

Peguei os materiais e comecei a atravessar a biblioteca. A bengala encontrou primeiro um dos pés da mesa, mas eu já estava próximo demais. Minha perna bateu na quina e perdi o equilíbrio. Tentei me apoiar, mas os papéis escaparam das minhas mãos e caí de joelhos no chão. A biblioteca inteira pareceu ficar muda.

Depois ouvi cadeiras se mexendo e vários passos vindo em minha direção. Antes mesmo que eu pudesse me levantar, senti mãos segurando meus braços.

— Calma! Calma! A gente ajuda! — alguém dizia.

Meu rosto queimava. Não apenas pela queda, mas pela sensação de estar cercado, tocado e levantado sem que ninguém tivesse perguntado nada.

— Por favor, soltem meus braços — pedi.

As mãos desapareceram.

— Professor Miguel, desculpa! — ouvi Júlia dizer, quase chorando. — Fui eu que mudei a mesa. Eu só queria ajudar.

Fiquei alguns segundos em silêncio. Apoiei uma mão no chão, encontrei minha bengala e me levantei devagar.

— Eu sei que você queria ajudar, Júlia.

Ela respirou aliviada, mas eu continuei:

— Só que você decidiu como me ajudar sem perguntar se aquilo realmente me ajudaria. Ninguém disse nada.

— Eu conheço este espaço. Sei onde ficam as mesas, as estantes e o balcão. Quando alguma coisa muda de lugar sem que eu saiba, o ambiente que conheço deixa de ser o mesmo. E quando vocês me seguraram agora,

também estavam tentando ajudar. Mas ninguém perguntou se eu queria ser levantado.

Minha voz estava firme, embora por dentro eu ainda sentisse vergonha da queda. Eu odiava estar no centro de todos aqueles olhares que não podia ver, mas conseguia sentir.

— Então a gente não deve ajudar? — perguntou um aluno.

A pergunta era sincera.

— Deve. Só não precisa adivinhar como. Pergunte.

Naquela tarde, fiquei pensando na cena. Durante anos, eu havia aprendido a explicar que autonomia não significava fazer tudo sozinho. Agora, percebia que precisava explicar também o contrário: receber ajuda não significava entregar aos outros o direito de decidir por mim.

Nos dias seguintes, nada virou perfeito. Ainda houve quem puxasse uma cadeira para mim sem avisar ou apontasse para algum lugar dizendo apenas "é ali". Mas algumas mudanças começaram a aparecer. Os alunos passaram a avisar quando precisavam deslocar móveis. Quando me ofereciam ajuda para caminhar, esperavam minha resposta antes de tocar em mim. Aos poucos, o cuidado deixou de chegar como uma ordem.

Algumas semanas depois, a turma voltou à biblioteca para desmontar a exposição. Eu estava perto do balcão quando ouvi uma voz atrás de mim:

— Professor Miguel, colocaram duas caixas perto da passagem. Quer ajuda? Era Júlia. Sorri.

— Quero. Me diga exatamente onde elas estão.

— Uma está à sua esquerda, perto da parede. A outra está mais à frente, do lado direito.

— Perfeito. Obrigado.

Continuei caminhando. Ninguém segurou meu braço. Ninguém correu para fazer o caminho por mim. Eu tinha recebido a informação de que precisava e continuava sendo responsável pelos meus próprios passos.

Naquele momento, compreendi que inclusão não é deixar uma pessoa sozinha para provar que ela é independente. Também não é fazer tudo por ela porque se acredita que sua deficiência determina aquilo que consegue ou não fazer. Incluir é reconhecer que cada pessoa conhece melhor as próprias necessidades. Minha cegueira sempre foi visível. O que nem todos conseguiam enxergar era minha autonomia. Às vezes, o respeito começa com uma pergunta muito simples:

— Como posso ajudar?

Capítulo XX

QUANDO O SILÊNCIO PODE SER OUVIDO

Thayná Aparecida Sousa Magalhaes

Meu nome é Loise, tenho dezesseis anos e sou estudante do segundo ano do Ensino Médio. Eu gosto de fazer crochê, ouvir música de um jeito diferente e passar tempo com minhas amigas. Também gosto muito de escrever, principalmente quando quero colocar em palavras coisas que tenho dificuldade de falar pessoalmente.

Eu tenho deficiência auditiva desde que nasci. Consigo ouvir alguns sons, principalmente quando estão mais altos, mas tenho bastante dificuldade para entender o que as pessoas falam, especialmente em lugares com muito barulho. Por isso, uso aparelho auditivo e também aprendi Libras. Minha família sempre me apoiou, mas nem sempre as outras pessoas sabem como se comunicar comigo.

Eu já me acostumei com alguns olhares curiosos e com pessoas que falam comigo gritando, como se eu não escutasse porque estivesse longe. O que ainda me incomoda é quando alguém simplesmente decide que eu não vou conseguir fazer alguma coisa antes mesmo de me perguntar.

Na escola, por exemplo, eu sempre sentava na primeira carteira. Não porque não gostasse de conversar com meus colegas, mas porque precisava ficar perto dos professores para conseguir acompanhar melhor as aulas.

Certa manhã, a professora de História entrou na sala e anunciou:

— Pessoal, daqui a três semanas teremos uma feira cultural!

Eu não consegui entender tudo o que ela disse porque alguns alunos estavam conversando. Olhei para minha amiga Bia, que estava ao meu lado.

— O que ela falou?

Bia repetiu calmamente o que a professora tinha explicado. A feira seria sobre a história e a cultura da nossa cidade. Cada grupo teria que preparar uma apresentação para os outros alunos e para os visitantes.

Na mesma hora, fiquei animada.

— Eu quero participar — falei.

— Claro que você vai — respondeu Bia.

Formamos um grupo com quatro pessoas: eu, Bia, Lucas e Mariana. Decidimos apresentar a história de alguns lugares importantes da cidade.

Durante os primeiros dias, tudo estava indo bem. Dividimos as tarefas, pesquisamos informações e começamos a preparar os cartazes. Eu fiquei responsável por escrever uma parte da apresentação. Estava tudo tranquilo até o dia em que começamos a ensaiar.

Lucas ficou responsável por falar uma das partes, mas ele falava muito rápido. Eu pedi:

— Você pode falar um pouco mais devagar?

— Ah, desculpa — respondeu ele.

Na tentativa seguinte, ele falou ainda mais rápido. Algumas pessoas começaram a rir. Não sei exatamente quem estava rindo, mas senti meu rosto esquentar.

— Talvez seja melhor a Loise não apresentar — disse um dos alunos que estava assistindo ao ensaio. — Ela pode ficar responsável pelos cartazes. Eu fiquei em silêncio. A frase parecia simples, mas doeu muito. Não porque eu não gostasse de fazer cartazes, mas porque senti que estavam duvidando da minha capacidade por causa da minha deficiência.

Naquele dia, fui para casa pensando no que havia acontecido. Eu não queria desistir. No dia seguinte, propus que nossa apresentação também tivesse Libras e legendas, para que todos pudessem participar.

Meus amigos aceitaram a ideia e começaram a aprender alguns sinais comigo. Depois de alguns ensaios, chegou o dia da feira. Eu estava muito nervosa, mas respirei fundo e comecei a apresentação. No meio dela, o microfone parou de funcionar. Por alguns segundos, fiquei assustada, mas continuei usando Libras e apontando para os cartazes.

Quando terminamos, recebemos muitos aplausos. Uma menina surda que assistia à apresentação veio falar comigo em Libras e disse que nunca tinha visto uma apresentação daquele jeito. Fiquei muito feliz.

Depois disso, a escola começou a colocar legendas nos vídeos, e alguns alunos passaram a aprender Libras. Percebi que pequenas mudanças podem fazer uma grande diferença.

Aprendi que minha dificuldade para ouvir não significa que eu não possa falar, participar ou realizar meus sonhos. Minha deficiência faz parte de mim, mas não define quem eu sou.

Naquele dia, entendi que inclusão não é apenas permitir que alguém esteja presente. É garantir que essa pessoa tenha a oportunidade de participar de verdade. E descobri que existem muitas formas de ouvir. Algumas das coisas mais importantes que já ouvi não chegaram pelos meus ouvidos, mas através das atitudes das pessoas.

Capítulo XXI

O MENINO QUE APRENDEU A ENSINAR

Josimar Soares da Silva

Meu nome é Josmari e, quando alguém me chama de professor, ainda sinto alguma coisa difícil de explicar. A palavra parece pequena para carregar tantos anos, tantos caminhos e tantas lembranças. Antes de ser professor, fui o menino que demorava. Demorava para copiar o que estava escrito no quadro, para compreender algumas perguntas, para organizar as palavras antes de responder e, principalmente, para aprender aquilo que os outros pareciam aprender sem grande esforço. Durante muito tempo, pensei que viver seria sempre assim: correr atrás dos outros tentando alcançar um lugar que parecia se afastar de mim a cada passo.

Nasci no interior, em uma cidade pequena onde quase todo mundo se conhecia e as notícias atravessavam as ruas antes mesmo que o sino da igreja anunciasse o meio-dia. Minha casa ficava no final de uma rua de terra, cercada por poucas casas, terrenos vazios e árvores que faziam sombra nas tardes quentes. No quintal havia um pé de manga enorme, algumas galinhas e um banco de madeira construído por meu pai. Minha mãe costumava se sentar naquele banco no final da tarde para separar o feijão do jantar, enquanto eu me acomodava ao lado dela com os cadernos da escola. Sem perceber, aquele quintal acabou se tornando uma das minhas primeiras salas de aula.

Foi ali que aprendi muitas coisas que, na escola, pareciam impossíveis. Minha mãe usava caroços de feijão para me ensinar a contar, riscava letras em pedaços de papel e inventava histórias para que eu conseguisse guardar determinadas palavras. Ela não conhecia os termos que, muitos anos depois, eu encontraria nos livros de Educação. Nunca tinha ouvido falar em adaptação pedagógica, acessibilidade curricular ou diferentes estilos de aprendizagem. Sabia apenas que o filho precisava aprender e que repetir exatamente a mesma explicação não resolveria. Era preciso encontrar outro caminho.

Aprendi a ler mais tarde do que outras crianças da minha idade. Também precisei de mais tempo para escrever e compreender algumas operações matemáticas. Havia dias em que os números pareciam perder o sentido diante dos

meus olhos. Algumas palavras eu conseguia pronunciar, mas não sabia explicar o que significavam. Outras vezes, compreendia perfeitamente uma história contada oralmente, mas encontrava dificuldade para responder às perguntas quando precisava colocar tudo no papel. O problema era que a escola nem sempre tinha tempo para esperar. A professora precisava terminar o conteúdo, o quadro precisava ser apagado, a turma precisava avançar. Eu também precisava avançar, ainda que ninguém soubesse exatamente como me ajudar a fazer isso.

Com o passar dos anos, comecei a perceber que minhas dificuldades também serviam para que algumas pessoas me definissem. Vieram os apelidos, as brincadeiras e as comparações. Diziam que eu era lento, que tinha a cabeça dura, que nunca prestava atenção. Quando eu errava uma resposta, algumas risadas surgiam no fundo da sala. Desenvolvi, então, minhas próprias estratégias para desaparecer. Quando a professora perguntava quem gostaria de ler, eu fingia procurar um lápis dentro da mochila. Quando não compreendia uma atividade, copiava o que algum colega havia feito. Se alguém ria de mim, eu também ria, como se participar da própria humilhação pudesse diminuir a dor.

O diagnóstico de deficiência intelectual chegou algum tempo depois. Minha mãe já percebia que minhas dificuldades não eram apenas falta de atenção ou preguiça, como algumas pessoas insistiam em dizer. Foram consultas, avaliações e viagens para uma cidade maior até que finalmente surgiu um nome para explicar parte daquilo que experimentávamos havia anos. Lembro-me de ouvir a expressão “deficiência intelectual” e pensar que alguma coisa havia mudado dentro de mim. Na verdade, nada havia mudado. Eu continuava sendo o mesmo menino que gostava de histórias, de ouvir o rádio de meu pai, de sentir o cheiro da terra molhada depois das primeiras chuvas e de ficar deitado no chão da sala desenhando mundos que só existiam na minha cabeça. O diagnóstico não modificou quem eu era. Modificou, entretanto, a maneira como algumas pessoas passaram a me enxergar.

A partir daquele momento, algumas pessoas começaram a falar sobre meu futuro como se ele já estivesse decidido. Escutei que determinadas profissões seriam difíceis demais, que deveria aprender alguma atividade mais simples e que minha família precisava aceitar minhas limitações. Aos poucos, quase acreditei que existiam fronteiras invisíveis separando os lugares onde pessoas como eu poderiam ou não chegar. Minha mãe nunca aceitou essas fronteiras. Quando certa vez disse que talvez fosse melhor abandonar os estudos, ela me respondeu que eu não era incapaz de aprender, apenas precisava encontrar meu jeito de aprender. Aquela frase permaneceu comigo por muitos anos.

Continuei frequentando a escola, e nenhuma transformação milagrosa aconteceu. Eu ainda precisava de mais tempo, continuava tendo dificuldades e algumas avaliações pareciam enormes diante de mim. O que mudou foi que comecei a encontrar pessoas que não confundiam dificuldade com incapacidade. Entre elas estava o professor Antônio, que ensinava Língua Portuguesa e quase sempre entrava na sala carregando livros debaixo do braço. Ele tinha uma característica que, naquele tempo, eu não sabia reconhecer como uma prática pedagógica: sabia esperar. Quando eu começava uma resposta e demorava para encontrar as palavras, ele não completava a frase por mim. Esperava. Quando eu errava, não transformava o erro em espetáculo. Perguntava de outra maneira, dava um exemplo, aproximava a explicação de alguma coisa que eu conhecia.

Certo dia, ele colocou um livro sobre minha carteira e pediu que eu o levasse para casa. Não disse que eu precisava melhorar minha leitura nem que deveria fazer uma atividade para recuperar uma nota. Disse apenas que imaginava que eu gostaria daquela história. Aquele gesto aparentemente simples mudou minha relação com os livros. Pela primeira vez, alguém havia me oferecido uma leitura não porque eu tinha dificuldade, mas porque acreditava que eu poderia sentir prazer lendo. Levei o livro para casa e demorei bastante para terminá-lo. Algumas páginas foram lidas duas ou três vezes. Procurei palavras no dicionário, perguntei outras à minha mãe e, quando finalmente cheguei à última página, senti vontade de começar outro.

Os livros passaram a ocupar um espaço diferente em minha vida. Não fizeram desaparecer minhas dificuldades, mas me ensinaram que aprender não precisava ser uma competição. Aos poucos, comecei a compreender que meu tempo não era errado apenas porque era diferente. Eu não precisava terminar primeiro. Precisava compreender. Essa descoberta foi libertadora. Quanto mais eu lia, mais percebia que existiam muitas maneiras de conhecer o mundo e que nenhuma inteligência poderia ser medida apenas pela rapidez com que alguém respondia a uma pergunta.

A vontade de ser professor nasceu nesse período, embora eu não consiga identificar o momento exato. Talvez tenha começado no professor Antônio, que sabia esperar minhas respostas. Talvez tenha começado muito antes, no quintal de casa, quando minha mãe transformava caroços de feijão em instrumentos de aprendizagem. Talvez tenha surgido de todas as experiências em que alguém conseguiu me ensinar alguma coisa sem fazer com que eu me sentisse inferior. Eu queria fazer por outras pessoas aquilo que algumas pessoas haviam feito por mim.

Quando terminei o ensino médio e anunciei que pretendia entrar na universidade, encontrei diferentes reações. Minha família me apoiou, mas algumas pessoas perguntaram se um curso superior não seria difícil demais para mim. Outras sugeriram que eu procurasse alguma coisa mais adequada às minhas “condições”. Nunca compreendi completamente o significado daquela expressão. Eu conhecia minhas dificuldades, mas também conhecia minha capacidade de insistir. Prestei vestibular e não fui aprovado. Tentei novamente e também não consegui. Na terceira tentativa, encontrei meu nome na lista de aprovados para o curso de Pedagogia. Li uma vez, depois outra, e mais outra, como se as letras pudessem desaparecer. Quando tive certeza, minha mãe chorou. Meu pai, homem de poucas palavras, colocou a mão sobre meu ombro e disse que agora encontraríamos um jeito de eu estudar.

A universidade trouxe novos desafios. Os textos eram maiores, a linguagem acadêmica parecia distante daquela que eu conhecia e havia semanas em que pensava não conseguir acompanhar as disciplinas. Precisei desenvolver minhas próprias estratégias. Lia os textos mais de uma vez, fazia esquemas, anotava palavras-chave, gravava explicações e estudava com colegas. Aos poucos, aprendi também uma frase que durante muitos anos tive vergonha de pronunciar: “Eu não entendi. Pode explicar de outra forma?”. Descobri que reconhecer uma dificuldade não era sinal de incapacidade. Pelo contrário, compreender como eu aprendia permitia que eu participasse cada vez mais ativamente da minha própria formação.

Também houve momentos dolorosos. Algumas pessoas demonstravam surpresa quando descobriam que eu tinha deficiência intelectual. Outras questionavam, ainda que de maneira indireta, se alguém com minhas características poderia assumir uma sala de aula. Durante algum tempo, essa dúvida também se instalou em mim. Depois comecei a olhar para minha própria trajetória e percebi que talvez muitas das experiências que eram vistas como obstáculos também pudessem contribuir para a minha maneira de ensinar. Eu conhecia o medo de não compreender uma explicação. Sabia como era difícil levantar a mão e dizer que não tinha entendido. Conhecia a vergonha de errar diante da turma e sabia que uma palavra pronunciada por um professor poderia permanecer na memória de um estudante durante muitos anos.

Quando recebi meu diploma, não senti que havia vencido minha deficiência intelectual. Minha deficiência não era uma doença que precisava ser curada nem uma inimiga que deveria ser derrotada. Ela fazia parte de minha história e da maneira como eu experimentava determinadas situações. O que eu havia enfrentado ao longo daqueles anos eram principalmente as barreiras construídas ao meu redor: o preconceito, a falta de oportunidades, as expectativas reduzidas e a ideia de que existia apenas uma maneira legítima de aprender e demonstrar inteligência.

Algum tempo depois da graduação, comecei a trabalhar em uma escola pública próxima à região onde cresci. No primeiro dia, cheguei cedo, organizei meus materiais e escrevi meu nome no quadro. Fiquei alguns segundos observando aquelas palavras: “Professor Josmari”. Meus estudantes começaram a entrar, trazendo consigo o barulho das conversas, das cadeiras sendo arrastadas e das mochilas jogadas sobre as mesas. Eu estava nervoso, mas quando comecei a falar compreendi que não precisava representar o professor perfeito que durante tanto tempo imaginei existir. Precisava ser um professor disposto a ensinar e também a aprender.

Algumas semanas depois, percebi um estudante que quase nunca participava das atividades. Quando eu fazia uma pergunta, ele abaixava a cabeça. Algumas tarefas ficavam incompletas, e percebi que os colegas começavam a rir quando ele demorava para responder. Havia alguma coisa naquele comportamento que me parecia profundamente familiar. Eu conhecia aquela cabeça baixa. Conhecia aquele silêncio e aquela tentativa de desaparecer no meio da sala. Depois de uma aula, sentei-me ao lado dele e perguntei se precisava de ajuda. Depois de algum tempo em silêncio, ele disse que achava que era burro.

Naquele instante, muitas lembranças atravessaram minha cabeça. Vi o menino que eu tinha sido, fingindo procurar um lápis para não precisar ler. Vi o quadro sendo apagado antes que eu terminasse de copiar. Vi minha mãe sentada no banco de madeira do quintal, transformando feijões em números. Vi o professor Antônio esperando pacientemente que eu encontrasse as palavras para terminar uma resposta. Olhei para aquele estudante e disse que talvez o problema não estivesse na capacidade dele de aprender, mas no fato de ainda não termos encontrado a melhor maneira de ensiná-lo. Abri o caderno, sentei-me ao seu lado e começamos novamente, sem pressa.

Hoje não escondo minha história dos meus estudantes. Digo que sou uma pessoa com deficiência intelectual e que também encontrei dificuldades durante minha trajetória escolar. Alguns ficam surpresos. Outros fazem perguntas. Há

aqueles que permanecem em silêncio, talvez reorganizando dentro de si a imagem que aprenderam a construir sobre as pessoas com deficiência. Conto minha história não para ser apresentado como exemplo de superação, mas porque quero que compreendam que nenhuma pessoa deveria ter seu futuro determinado pelas dificuldades que apresenta em determinado momento da vida.

Continuo precisando de organização para algumas tarefas. Há textos que leio mais de uma vez e situações em que preciso pedir ajuda. Aprendi a conviver com minhas dificuldades sem transformá-las em vergonha. Ser professor não exige que eu deixe de ser quem sou. Pelo contrário, minha maneira de ensinar nasceu também das experiências que vivi como estudante. Elas me ensinaram a esperar, explicar novamente, procurar outras palavras, oferecer diferentes caminhos e, principalmente, não confundir o tempo de aprendizagem de alguém com sua capacidade.

Às vezes retorno à casa de meus pais e me sento no velho banco de madeira do quintal. O pé de manga ainda está lá, embora já não produza como antes. Meus pais envelheceram, a rua ganhou calçamento e muitas coisas mudaram desde os tempos em que eu espalhava cadernos sobre aquele banco. De vez em quando, algum conhecido passa pela frente da casa e me cumprimenta chamando-me de professor. Sempre sorrio quando escuto. Não porque esse título tenha apagado o menino que fui, mas porque ele contém aquele menino inteiro: suas dificuldades, seus medos, seus erros, sua persistência e todas as pessoas que se recusaram a decidir antecipadamente até onde ele poderia chegar.

Talvez seja por isso que, quando entro em uma sala de aula, ainda procuro silenciosamente aquele estudante que se esconde atrás dos outros, que evita levantar a mão ou que já começou a acreditar que não nasceu para aprender. Quando o encontro, lembro-me de mim mesmo. Não digo que tudo será fácil, porque sei que não será. Não prometo que todas as dificuldades desaparecerão, porque algumas permanecem conosco e fazem parte de quem somos. Apenas me aproximo, sento ao lado dele, abro o caderno e procuro outro caminho. Se não funcionar, tentamos mais uma vez. E outra, se for necessário. Foi assim que aprendi que ensinar talvez seja, antes de qualquer coisa, recusar-se a desistir de alguém apenas porque essa pessoa precisa de mais tempo para encontrar o próprio modo de aprender.

POSFÁCIO

Depois da última página, outras formas de existir

Chegar ao fim de *Edupluriversência: Contos de Existir, Resistir e Reexistir* não significa encerrar as histórias que atravessaram estas páginas. Talvez seja justamente depois da última narrativa que elas comecem a produzir suas perguntas mais importantes. O livro se fecha materialmente, mas as experiências narradas permanecem abertas, acompanhando o leitor para além da leitura e convidando-o a reconsiderar aquilo que, muitas vezes, o cotidiano nos ensinou a enxergar como natural.

Esta coletânea precisa ser compreendida, antes de tudo, em sua natureza pedagógica. As narrativas aqui reunidas nasceram no espaço da sala de aula, como parte de uma experiência de ensino de Língua Portuguesa desenvolvida com estudantes do Ensino Médio Técnico Integrado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI, Campus São João do Piauí. A produção literária constituiu-se como prática educativa por meio da qual o estudo do gênero conto foi articulado à reflexão sobre inclusão, diferença, acessibilidade, participação e protagonismo das pessoas com deficiência. Assim, o texto literário deixou de ser apenas conteúdo a ser estudado e passou a constituir espaço de criação, autoria e formação.

A proposta de colocar a pessoa com deficiência no centro das narrativas, frequentemente na condição de narrador-personagem, não foi uma escolha meramente temática. Tratou-se de uma decisão pedagógica destinada a provocar deslocamentos de perspectiva. Ao escreverem em primeira pessoa, os estudantes foram convidados a construir personagens que experimentam o mundo por diferentes formas de percepção, comunicação, mobilidade e interação. O exercício exigiu trabalhar elementos próprios da narrativa literária — personagens, narrador, espaço, tempo, conflito, clímax e desfecho — e, simultaneamente, refletir sobre as maneiras pelas quais a sociedade produz barreiras ou possibilidades de participação.

Nesse sentido, a coletânea registra também um processo de formação. A escrita não surgiu pronta. Ela foi construída no movimento próprio da aprendizagem: imaginar, escrever, apresentar, discutir, revisar, reescrever e compartilhar. A passagem da produção escolar para a publicação amplia o sentido pedagógico desse percurso, pois reconhece o estudante não apenas como alguém que realiza uma atividade para ser avaliada, mas como sujeito autor, capaz de produzir literatura, elaborar sentidos e fazer sua palavra circular para além dos limites da sala de aula. Publicar, nesse contexto, é também um gesto educativo de reconhecimento da autoria estudantil.

Ao longo da coletânea, encontramos personagens que percebem, sentem, comunicam-se, deslocam-se, aprendem e se relacionam com o mundo de maneiras distintas. São pessoas que estudam, trabalham, desenham, fotografam, dançam, fazem música, praticam esportes, sobem aos palcos, projetam espaços, estabelecem vínculos e constroem sonhos. Também encontram escadas onde deveriam existir caminhos acessíveis, materiais pensados para uma única forma de percepção, atividades organizadas a partir de modelos homogêneos de aprendizagem, ausência de recursos comunicacionais e, sobretudo, olhares que

ainda confundem deficiência com incapacidade. Nesse conjunto de experiências, uma compreensão atravessa as narrativas: a deficiência faz parte da existência das personagens, mas não esgota aquilo que elas são.

Essa constatação desloca a pergunta que tradicionalmente fazemos sobre inclusão. Em vez de procurarmos apenas aquilo que determinada pessoa não consegue fazer, as histórias nos convidam a observar as condições que lhe foram oferecidas para fazer, participar, aprender e pertencer. O corpo que não sobe uma escada talvez nos diga menos sobre incapacidade do que o prédio construído considerando apenas quem consegue subi-la. A pessoa que não ouve não constitui, por si mesma, o problema de uma atividade organizada exclusivamente pela oralidade. Da mesma maneira, uma pessoa com deficiência visual não torna inacessível um material; é o material produzido para ser compreendido somente pela visão que cria a barreira. O estudante que aprende de modo diferente não fracassa necessariamente diante da escola; às vezes, é a escola que ainda não aprendeu a reconhecer diferentes maneiras de demonstrar conhecimento.

Depois de tantas narrativas, percebemos que uma rampa nunca é apenas uma rampa. Ela representa a possibilidade de chegar sem depender da benevolência de alguém. Uma legenda não é somente um recurso acrescentado a um vídeo, mas uma possibilidade de compreender e participar. A Língua Brasileira de Sinais não constitui uma versão incompleta da oralidade, mas uma língua por meio da qual sujeitos constroem comunicação, identidade e pertencimento. Um material acessível não facilita indevidamente uma atividade, mas oferece condições para que ela possa ser realizada. Da mesma forma, oferecer apoio não significa retirar autonomia, porque a autonomia também depende da existência de condições concretas para que alguém possa fazer escolhas e participar daquilo que lhe diz respeito.

É nesse deslocamento que a palavra Edupluriversência, que dá identidade a esta obra, adquire sua força. Ela nasce da compreensão de que educar significa encontrar-se permanentemente com a pluralidade das existências humanas. Não há uma única maneira legítima de aprender, comunicar, sentir, criar, compreender, participar ou estar no mundo. A escola é constituída por diferentes corpos, histórias, subjetividades, linguagens, ritmos e modos de percepção. Reconhecer essa diversidade, entretanto, não significa apenas admitir que as diferenças existem. Significa permitir que elas tenham lugar, voz, participação e dignidade dentro do processo educativo.

A própria experiência pedagógica que originou esta coletânea procura materializar esse princípio. Ao aproximar produção literária e educação inclusiva, a atividade buscou fazer da sala de aula um espaço em que aprender Língua Portuguesa não estivesse dissociado de aprender a observar criticamente o mundo. A literatura tornou-se, assim, uma mediação para desenvolver conhecimentos linguísticos e literários e, ao mesmo tempo, estimular a reflexão sobre as relações humanas. O trabalho com o conto mostrou que ensinar literatura pode significar também criar condições para que estudantes formulem perguntas sobre quem aparece nas histórias, quem costuma protagonizá-las, quais experiências são frequentemente silenciadas e de que maneira a linguagem pode contribuir para tornar outras existências visíveis.

Edupluriversenciar, nesse sentido, é compreender que inclusão não consiste simplesmente em fazer alguém diferente caber em uma estrutura que perma-

nece inalterada. É também interrogar a própria estrutura, seus modos de funcionamento e as concepções de sujeito que sustentam suas práticas. É perguntar quem consegue entrar nos espaços que construímos, quem consegue permanecer neles, quem compreende aquilo que comunicamos, quem consegue expressar-se, quem é efetivamente escutado e quem ainda precisa reivindicar aquilo que deveria ter sido pensado como direito desde o princípio. Trata-se, portanto, de deslocar o olhar da adequação exclusiva do sujeito para a transformação das condições que produzem participação ou exclusão.

É também por esse motivo que existir, resistir e reexistir, palavras que compõem o subtítulo desta coletânea, ultrapassam a função de nomear o livro. Elas constituem movimentos que atravessam suas histórias. Existir é afirmar o direito de ocupar o mundo sem precisar justificar continuamente a própria presença. Resistir é confrontar barreiras físicas, comunicacionais, pedagógicas e atitudinais que transformam diferenças em impedimentos. Reexistir é produzir novos caminhos quando aqueles já existentes foram construídos sem considerar a pluralidade humana. Reexistir não significa negar aquilo que aconteceu nem retornar necessariamente a uma condição anterior, mas elaborar outras possibilidades de presença, autonomia e pertencimento.

Quando uma personagem encontra uma escada e reivindica uma rampa, não está simplesmente buscando uma solução para si; sua reivindicação expõe uma forma de organização do espaço que anteriormente considerou determinados corpos e ignorou outros. Quando alguém percebe a música por meio das vibrações, amplia-se aquilo que convencionalmente entendemos por ouvir. Quando as mãos se tornam linguagem, o silêncio deixa de poder ser confundido com ausência de voz. Quando uma pessoa com deficiência visual dança, fotografa, estuda, trabalha ou constrói sua autonomia, somos provocados a rever aquilo que associamos automaticamente ao ato de ver. Quando um estudante solicita um recurso acessível, não está pedindo privilégio, mas reivindicando condições para participar de uma experiência que também lhe pertence.

Há algo especialmente significativo no fato de essas questões terem sido elaboradas por meio da literatura e no interior de uma prática pedagógica. Ao escreverem estas narrativas, os estudantes precisaram construir personagens, imaginar conflitos, escolher perspectivas e organizar diferentes experiências humanas pela linguagem. O exercício de produção do conto ultrapassou, assim, o domínio dos elementos estruturais do gênero literário. Escrever tornou-se também uma oportunidade de deslocamento, porque imaginar uma existência diferente da própria exige reconhecer que o mundo não se apresenta da mesma maneira para todas as pessoas.

Esse movimento, evidentemente, não significa assumir que a ficção permita falar definitivamente em nome de quem vive uma deficiência. Nenhuma personagem criada literariamente substitui a experiência concreta das pessoas com deficiência, assim como nenhum exercício de imaginação elimina a necessidade da escuta de suas próprias vozes. Essa ressalva é particularmente importante em um projeto pedagógico no qual estudantes ficcionalizam experiências que podem não corresponder às suas próprias vivências. O objetivo não é apropriar-se da voz do outro, mas utilizar a literatura como possibilidade de aproximação, questionamento e aprendizagem. Mais do que ensinar a falar pelo outro, a experiência pretende contribuir para aprender a reconhecer que o outro possui sua própria voz e que a construção de uma educação inclusiva exige disposição per-

manente para escutá-la.

A literatura pode, nesse processo, abrir uma fresta. Pode instalar perguntas onde antes havia certezas, tornar perceptíveis barreiras naturalizadas, confrontar estereótipos e aproximar o leitor de experiências que talvez nunca tenham ocupado o centro de sua atenção. Talvez resida aí uma das maiores contribuições desta coletânea. Depois dessas histórias, uma escada pode deixar de ser apenas uma escada. Um vídeo sem legenda pode revelar uma ausência antes despercebida. Uma atividade exclusivamente escrita pode provocar questionamentos sobre as formas pelas quais avaliamos a aprendizagem. Um palco inacessível pode nos fazer perguntar quais corpos foram imaginados quando ele foi construído. Uma instituição que afirma receber todos pode ser levada a questionar se todos conseguem, de fato, participar daquilo que ela oferece. O que muda não é necessariamente o objeto diante de nós, mas o olhar com que passamos a percebê-lo.

A Edupluriversência começa justamente nesse movimento de tornar visível aquilo que a normalização das práticas tornou invisível. Ela não propõe a celebração superficial das diferenças, mas a construção de uma educação capaz de reconhecer que a pluralidade produz demandas concretas de acesso, participação, aprendizagem, comunicação e pertencimento. Sob essa perspectiva, acessibilidade não pode ser entendida como favor, adaptação não deve ser confundida com privilégio, apoio não representa substituição da autonomia e participação não pode ser reduzida à presença física de alguém em determinado espaço. Incluir exige mais do que permitir que alguém esteja; exige criar condições para que possa participar como sujeito.

Por isso, depois da última página, permanecem perguntas que pertencem não somente às personagens, mas também a nós. Que estudantes imaginamos quando planejamos uma aula? Que formas de aprender reconhecemos quando elaboramos uma avaliação? Que corpos pressupomos quando organizamos nossos espaços? Que linguagens legitimamos quando nos comunicamos? Que vozes conseguimos escutar? Quantas pessoas ainda precisam reivindicar acesso a lugares que também lhes pertencem? E quantas barreiras continuam invisíveis simplesmente porque aqueles que planejaram os caminhos nunca precisaram enfrentá-las?

Talvez uma educação comprometida com a pluralidade não possa limitar-se a construir caminhos alternativos para que algumas pessoas consigam chegar ao lugar onde as outras já estavam. Talvez seja necessário questionar como os próprios caminhos são construídos, quem participa dessa construção e quantas maneiras de percorrê-los estamos dispostos a reconhecer. Essa mudança é fundamental porque transfere a inclusão do campo da concessão para o campo do direito e retira a diferença do lugar da exceção para reconhecê-la como constitutiva da experiência humana.

É por isso que este livro não termina verdadeiramente aqui. As personagens permanecem nas perguntas que deixam, nas barreiras que agora conseguimos perceber e nos gestos cotidianos que talvez passemos a reconsiderar. Permanecem, sobretudo, como convite para que não procuremos nessas histórias pessoas extraordinárias porque conseguiram viver apesar de suas deficiências. Antes disso, que encontremos sujeitos em sua integralidade: pessoas que enfrentam barreiras, reivindicam direitos, constroem autonomias, estabelecem relações, produzem conhecimento, criam beleza, experimentam frustrações, alimentam

desejos, sonham e transformam os espaços que habitam.

Ao terminar esta coletânea, talvez a pergunta mais importante já não seja como podemos incluir determinadas pessoas no mundo que construímos. A questão que permanece é mais profunda: que mundo estamos construindo para que a pluralidade das existências possa habitá-lo com dignidade, autonomia e pertencimento? É nessa pergunta que existir encontra a resistência e que resistir abre possibilidades para reexistir. É também nela que a Edupluriversência deixa de ser apenas a palavra que nomeia uma coletânea e passa a constituir uma provocação sobre aquilo que a educação pode ser quando reconhece que nenhuma forma singular de existir é suficiente para representar a pluralidade do humano.

Depois da última página, portanto, as histórias continuam. Continuam em quem as escreveu, em quem as lê e, sobretudo, na possibilidade de que o encontro com essas narrativas transforme alguma coisa na maneira como percebemos o outro e construímos nossos espaços comuns. Se isso acontecer, ainda que discretamente, a literatura terá ultrapassado os limites do papel e a experiência pedagógica que originou esta obra terá alcançado uma dimensão que nenhuma nota escolar poderia mensurar integralmente. A Edupluriversência encontrará, então, seu sentido mais profundo: educar reconhecendo que existir é, desde sempre, existir entre diferentes existências e que ensinar também é criar condições para que essas existências possam aprender, expressar-se, participar e produzir suas próprias histórias.

Prof. Dr. Josimar Soares da Silva

Organizador

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade, 14–15, 19–36, 40–64

Acessibilidade arquitetônica, 21–22, 28–30, 40–41, 52–59

Acessibilidade atitudinal, 16–18, 21–30, 40–41, 54–62

Acessibilidade comunicacional, 19–20, 23–36, 42–51, 63–64

Acessibilidade curricular, 65–69

Adaptação pedagógica, 14–15, 45–47, 65–69

Alteridade, 14–69

Autonomia, 19–31, 40–41, 45–62, 65–69

Autoria estudantil, 14–69

Avaliação inclusiva, 14–15, 65–69

B

Barreiras arquitetônicas, 21–22, 28–30, 40–41, 52–59

Barreiras atitudinais, 16–18, 21–30, 42–62, 65–69

Barreiras comunicacionais, 23–27, 31–36, 45–47, 63–64

Bengala, 57–62

C

Cadeira de rodas, 21–22, 28–30, 52–56

Cegueira, 40–41, 57–62

Comunicação alternativa, 31–33

Comunidade surda, 23–24, 42–51, 63–64

Convivência com as diferenças, 14–69

D

Deficiência, 14–69

Deficiência de fala, 31–33

Deficiência física, 21–22, 28–30, 52–56

Deficiência intelectual, 65–69

Deficiência visual, 16–18, 40–41, 57–62

Diferenças individuais, 14–69

Dificuldades de aprendizagem, 14–15, 65–69

Dislexia, 14–15
Diversidade, 14–69
E
Educação inclusiva, 14–69
Edupluriversência, 14–69
Ensino e aprendizagem, 14–15, 25–27, 65–69
Escola inclusiva, 14–18, 21–36, 40–47, 52–69
Escrita literária, 14–69
F
Fotografia, 42–44, 50–51
I
Identidade, 23–24, 37–39, 42–44, 50–51, 57–69
Inclusão, 14–69
Inclusão escolar, 14–18, 21–41, 45–47, 52–69
Independência, 25–30, 40–41, 57–62
L
Leitor de tela, 60–62
Legendagem, 63–64
Libras, 19–20, 23–27, 42–51, 63–64
Libras tátil, 19–20
Literatura e inclusão, 14–69
M
Mobilidade, 21–22, 28–30, 52–62
Música e deficiência, 23–24, 40–41, 48–49, 57–59
P
Participação, 14–69
Participação escolar, 21–36, 40–47, 52–64
Pessoa com deficiência, 14–69
Pertencimento, 31–33, 42–53, 63–69
Preconceito, 21–24, 37–39, 42–51, 54–69
Protagonismo, 14–69

R

Rampa de acesso, 21–22, 28–30, 40–41, 52–56

Recursos de acessibilidade, 14–15, 19–20, 23–36, 40–47, 57–64

Respeito às diferenças, 14–69

Retinose pigmentada, 16–18

S

Surdez, 23–24, 34–36, 42–51, 63–64

Surdocegueira, 19–20

T

Teatro inclusivo, 45–47

Tecnologia assistiva, 31–33, 60–62

V

Vibrações e percepção musical, 19–24, 34–36, 48–49

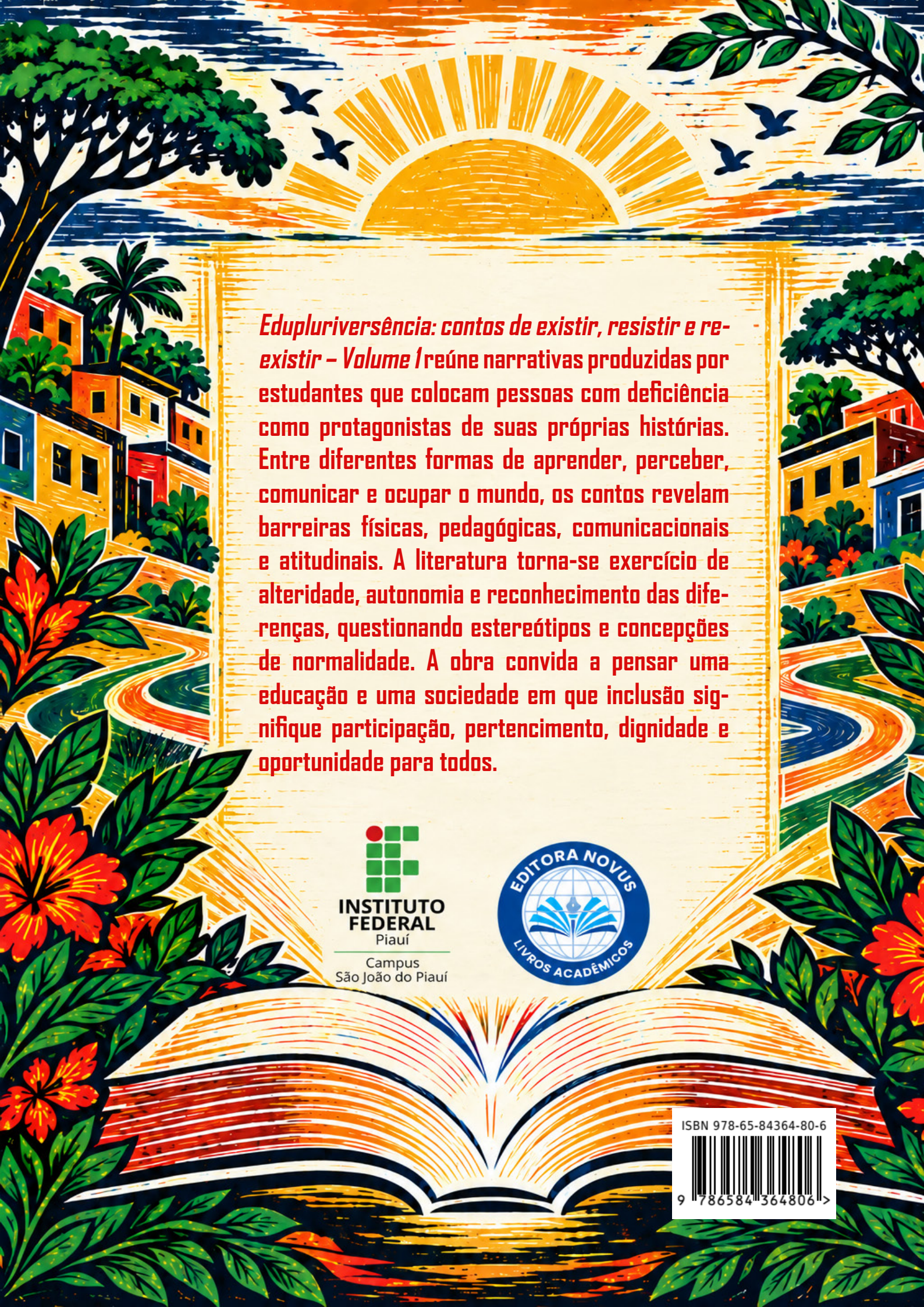
Voz e formas de comunicação, 19–20, 25–36, 42–51, 63–64

ORGANIZADOR



JOSIMAR SOARES DA SILVA

Doutor em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Mestre em Formação de Professores da Educação Básica pela UEPB. Possui especialização em Linguística Aplicada ao Ensino do Português pelas Faculdades Integradas de Patos FIP e especializações em Língua Portuguesa e em Língua Espanhola pela Universidade Cândido Mendes. Graduado em Letras Espanhol pela Universidade Estadual da Paraíba e em Letras-Português pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba. Possui formação em Magistério (Normalista) desde 2006. Atua como professor de Língua Portuguesa e coordenador pedagógico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí - *Campus* São João do Piauí. Possui experiência na área de Letras, com ênfase no ensino de Língua Portuguesa, Literatura e Produção Textual, bem como de Língua Espanhola, Literatura e Produção Textual. Desenvolve pesquisas nas áreas de leitura, escrita e formação de professores de Língua Portuguesa e Língua Espanhola no Ensino Fundamental (Anos Iniciais e Finais) e no Ensino Médio. Atua também nos estudos das Literaturas Africanas de Língua Espanhola, Hispano-americana e de Língua Portuguesa, com foco na Memória Ancestral, diáspora africana, mitologia dos Orixás, Afrorealismo, Relações Étnico-Raciais, Inclusão e Diversidade, Adaptação de Materiais Didáticos e Inteligência Artificial aplicada ao ensino. Seu campo de interesse contempla ainda questões identitárias e étnico-raciais, cultura popular, combate ao racismo e ao racismo religioso, Candomblé e o culto à Jurema Sagrada. Atualmente está desenvolvendo Estágio Pós-doutoral na Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, *Campus* São Raimundo Nonato – PI pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Inclusiva – PROFEI.



Edupluriversência: contos de existir, resistir e re-existir – Volume I reúne narrativas produzidas por estudantes que colocam pessoas com deficiência como protagonistas de suas próprias histórias. Entre diferentes formas de aprender, perceber, comunicar e ocupar o mundo, os contos revelam barreiras físicas, pedagógicas, comunicacionais e atitudinais. A literatura torna-se exercício de alteridade, autonomia e reconhecimento das diferenças, questionando estereótipos e concepções de normalidade. A obra convida a pensar uma educação e uma sociedade em que inclusão signifique participação, pertencimento, dignidade e oportunidade para todos.

INSTITUTO FEDERAL
Piauí
Campus
São João do Piauí

EDITORA NOVUS
LIVROS ACADÊMICOS

ISBN 978-65-84364-80-6